

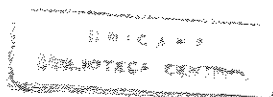
Mônica Anechini Campedelli

Dimensões lúdicas da memória- trabalho.

**Dissertação de Mestrado
apresentada à Faculdade
de Educação Física da
Universidade Estadual de
Campinas**

Orientador: Paulo de Salles Oliveira

Campinas, 2000



**UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE**

000.44.869

VIDADE	BC
* CHAMADA :	
	C153d
Ex.	
DMBO BC/	41956
ROC.	278/00
C	☐
D	☒
REC	21.11.00
ATA	30-08-00
* CPD	

CM-00145151-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF UNICAMP

C153d	Campedelli, Mônica Anechini Dimensões lúdicas da memória-trabalho / Mônica Anechini Campedelli. – Campinas, SP : [s.n.], 2000. Orientador: Paulo de Salles Oliveira Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. I. Lazer. 2. Envelhecimento. 3. Memória. I. Oliveira, Paulo de Salles. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.
-------	---

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
Mônica Anechini Campedelli
e aprovada pela comissão julgadora
em **27/03/00**.

Data: _____

Assinatura:  _____
Dr. Paulo de Salles Oliveira

“Eu gostaria de saber— disse uma consigo mesma — o que é que acontece de fato num livro, quando está fechado. Naturalmente, dentro só há letras impressas no papel, mas ainda assim... Alguma coisa tem que acontecer, porque, quando os abro, logo aparece uma história inteira... Tudo está lá dentro, de algum jeito. Para vivê-lo, é preciso lê-lo, é claro. Mas já está lá dentro, antes. Gostaria de saber de que jeito.”
(Michel Ende , A história sem fim.)

Aos meus avós Sr. Nicolau e Dona Mariquinha
Para tia Cida e para os velhinhos da Vila pessoas que me ensinaram a percorrer todos os caminhos até chegar nessa leitura de amor, fé e de ser humano.



AGRADECIMENTOS

A Deus por todos os momentos em que ele me carregou.

Para todos da minha família, minha mãe pela espontaneidade, tios (as), primos (as), Irmãos, em especial Tia Maria e Paula.

Ao pessoal da UNICAMP pela acolhida, Tânia, Carmem, César, Profa. Antonia, Profa. Barbara, Prof. Gustavo...

Ao Prof. Ademir de Marco e Willian Peres Lemos por esta passagem,

Ao Prof. Ademir Gebara pelo carinho, afeto e confiança nesta conquista,

Ao Prof. Paulo de Salles Oliveira, devo-lhe gratidão, respeito e aprendizado.

Ao Prof. Lélío Moura Lourenço, pela amizade, e pelas experiências dos anos de convivência...

Aos colegas do ICHSA , Alaíde, Denise Moura, Helena, Héllen, Gersa e Fernandinha minha secretária.

Em especial a minha amiga Norida pela riqueza das oferendas e pelo ato de generosidade e competência em sua co-orientação.

Aos colegas conquistados na UNICAMP: Kléber, Edilson, Fernando, Alcyane e Rogério, pela solidariedade e companheirismo.

Ao Prof. Edson Velano pela bolsa de estudos, Prof. Hudson e Solange da Pró – Reitoria de Pós – Graduação pela força e simpatia.

Para minhas amigas do coração Sueli, Conceição, Lucrécia, Livia pelo livro que me despertou a memória e Raimundo Patú Júnior (in memoriam) que me ensinou o ato de coragem e de vontade diante do nosso estágio.

Para Mary pela amizade, companheirismo nas passagens, ao Marcus, o meu afeto e minha amizade pela cumplicidade das passagens.

Em especial Alexsandra, Cirlene, Lucas, Padre Manoel, Queila, Sunamita, e Vânia, e todos os estagiários da Vila do Coração.

Para as Irmãs da Vila pelo convívio e acolhida.

Para minha analista pelos momentos de graça e de choro “(...)navegar é preciso...”

Para Profa. Donizetti e Prof. Maria Alice Magnani, a garimpagem do texto e o carinho das orientações.

CAMPEDELLI, Mônica Anechini. Dimensões lúdicas da memória- trabalho. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2000. Dissertação de Mestrado.

RESUMO: Este estudo objetivou uma função terapêutica junto aos idosos de uma instituição asilar. Através de narrativas e atividades grupais realizadas com os idosos, tentamos abrir espaço para o exercício da memória- trabalho, do lazer e do lúdico como possibilidade do velho de resignificar sua vida, se socializar, num processo de aculturação com os estagiários de Psicologia. O trabalho teve uma função reabilitadora, em virtude do resgate de um **saber fazer** do velho no papel de guardião da memória.

CAMPEDELLI, Mônica Anechini. Enjoyment dimensions of the working- memory. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2000. Master's dissertation.

ABSTRACT: The scope of these study is a therapeutic function for elderly people of a nursing home. Based on interviews and groups activities with elderly people, we attempted to open space to the practice exercise of working- memory, leisure, and enjoyment as a possibility to give a new meaning to their lifes, also socialization in a cultural adptation process with the psychology probationer. This work had a rehabilitative function, due the recovering of the "to know how to do" from the elderly people acting as a memory guardian.

Sumário:

Introdução.....	1
I - Primeiro capítulo: “Enigmas com idosos numa instituição total”	4
1- O espaço e o ambiente.....	5
2 - A divisão por alas masculinas e femininas.....	12
3- As Irmãs de caridade.....	17
4- Os Estagiários.....	25
II - Segundo capítulo: “A presença do lúdico no alívio dos sofrimentos”.....	29
1- A presença e a importância do lúdico.....	29
2- Função reabilitadora.....	39
3- O lúdico e a formação de grupos.....	46
III- Terceiro Capítulo: “ Trabalho da memória”.....	57
1- A importância da memória.....	57
2- Velhos: guardiões da memória.....	61
3- Memória- trabalho: possibilidade lúdica?.....	72
IV- Considerações Finais.....	75
V-Bibliografia.....	79

INTRODUÇÃO

O trabalho como psicóloga junto a sujeitos velhos, objetivando uma melhor qualidade de vida foi um desafio em minha vida, mais uma das experiências que me levou a uma grande aprendizagem, tanto na minha vida pessoal como na minha vida acadêmica.

Ao ministrar a disciplina Psicologia do Desenvolvimento na Universidade de Alfenas, optei por focalizar, em um trabalho prático, de extensão, uma categoria social a respeito da qual se ouvia predominantemente refrões de cunho negativo e estigmatizante. Sempre tive um vínculo forte com pessoas velhas-, no tempo de minha infância, com meus avós, sujeitos presentes, agora, em minha memória.

Esta dissertação é uma tentativa de elaboração da prática de um trabalho que se iniciou em 1991, como extensão universitária, onde os acadêmicos de Psicologia começaram um estágio, sob minha supervisão, em um estabelecimento asilar, filantrópico, para idosos.

Primeiramente nossa prática foi conhecer esses sujeitos através de entrevistas, observações e conversas informais no local de estágio. Consideramos que a maioria dos idosos se colocavam no lugar de assujeitados, queixosos de dores, doenças, falta de atividades. Tentamos articular estratégias para movê-los desse lugar que haviam se instalado.

Fundamentando-nos em Bosi (1987) iniciamos os trabalhos com atividades que incentivavam as narrativas em grupos, intercaladas com práticas recreativas: colagens, pintura, jogos, organização de eventos comemorativos etc.; deixando-lhes a iniciativa da escolha dos temas a serem abordados.

Este relato diz respeito especificamente a trabalhos e atividades com dez sujeitos, acima de sessenta anos, quatro mulheres e seis homens. Mantive com esses sujeitos uma convivência semanal.

Através dessa convivência objetivamos operacionalizar estratégias cujas atividades pudessem surtir um efeito **terapêutico**¹, **reabilitador**. Como referência fundamental buscamos e seguimos a direção apontada por Bosi (1987), em seu livro Lembranças de Velhos: memória e sociedade.

Vimos neste estudo, que é através da narrativa que também podemos conservar nossa memória social, nossa história através do processo de aculturação, de produção, de um saber fazer, processo esse que faz com que Bosi eleve a noção de memória à categoria de trabalho— portanto, **memória–trabalho**. Através da narrativa do velho podemos conservar nossa memória social, nosso saber-fazer, processo esse que faz com que Bosi eleve a noção de memória à categoria de trabalho.

¹ Efeito: agrupamento (fenômeno de); é um resultado ou consequência – e.g. “o efeito da ação”.
Terapêutico: um termo empregado para referir-se a tudo que é útil enquanto um agente ou instrumento de terapia. Neste sentido, gostaríamos de ressaltar a importância deste resultado, desta ação para os trabalhos desenvolvidos, onde o efeito de grupo, significou um efeito mútuo, onde os sujeitos se reconheceram diante desta ação de participação.

Pensamos que o de ato de narrar permitiria aos sujeitos, através de suas histórias, dos “causos” das coisas de seu tempo, um redimensionamento de seu papel social, e, conseqüentemente, uma transformação positiva em suas auto-imagens.

Além disso, segundo Halbwachs (1990), Benjamin (1987), o ato de narrar pode ser compreendido como fato social, pelo aspecto de sociabilidade e convivência nele envolvidos. Não podemos negligenciar esse elemento de sociabilidade como fator terapêutico, nem tampouco seu valor lúdico (no sentido de produção de prazer)- o prazer da convivência, nos encontros e nas conversas. Tal aspecto também indicava o ato de narrar como uma possibilidade terapêutica.

Assim, o relato desta experiência constitui o conteúdo desta dissertação, organizada em três capítulos.

No primeiro capítulo objetivou-se a descrição de como o estabelecimento asilar em questão se apresentava aos olhos dos sujeitos- homens e mulheres- nas diferenças e peculiaridades, do espaço, do ambiente, das normas e regras da sociedade que a dirige através das religiosas.

No segundo capítulo apresentamos as atividades desenvolvidas, como foram realizadas, suas dimensões lúdicas, e seus efeitos psicológicos no alívio do sofrimento.

No terceiro capítulo focalizamos a função social da **memória-trabalho** como uma atividade potencialmente lúdica e terapêutica.

“Enigmas do trabalho com idosos numa instituição total.”

“O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente.”
(Carlos Drummond de Andrade)

As transformações da sociedade e as projeções para o próximo milênio colocam o sujeito que envelhece em evidência crescente. No Brasil atual, cerca de 13,5 milhões de pessoas têm 60 ou mais anos de idade. Estima-se para 2020 que esta população atinja 40 milhões.

Uma das formas pelas quais a sociedade tem lidado com o envelhecimento se dá através da instituição do asilamento e é justamente disto que trata nosso trabalho.

A instituição asilar que serve de referência a este estudo situa-se nos rincões de Minas Gerais; isto é, não passa de um asilo de uma cidade do interior. Não difere muito de outras instituições que acolhem velhos no que concerne à ideologia apresentada pelas sociedades que as dirigem.

Nos depoimentos colhidos, vimos que os entrevistados vêem o asilo como uma espécie de vila, quase uma extensão de suas casas. Em nosso estudo não nos cabe discutir o asilamento em si, mas uma instituição determinada que acolhe os velhos e que apresenta peculiaridades por sua orientação religiosa- pertence a

Sociedade Vicentina e é administrada por um grupo de freiras, e por um trabalho psicológico de reabilitação social e emocional dos que ali vivem.

Para muitos a vila, como é chamada por eles, se apresenta com um tom nublado, sem matiz, como se o envelhecer fosse comparado a um entardecer sombrio e sem brilhos. Nosso trabalho procurará mostrar outras nuances deste cenário.

1- O Espaço e o Ambiente

O asilo está situado em uma casa muito grande, com portas e janelas rodeadas pelas montanhas de Minas, que acolhe os velhos que trabalham, se divertem e ousam contar suas histórias, seu lazer, sua convivência, suas lembranças enfim, sua memória inserida num fazer. Este espaço, no entanto, comporta uma estrutura hierárquica

Se os que transitam por este casarão sorriem, trabalham, convivem, evocam suas lembranças entremeadas de alegria, euforia, saudade, ludismo, há uma mediação de regras, normas, escalas capazes de fazer com que a instituição se mostre muitas vezes como barreira aos contatos sociais, denotando um fechamento e um distanciamento. Muitas vezes, esta vila é o lar, a roça, a cidade, a história, o espaço em que viveram com suas famílias, com os entes queridos, a extensão do cotidiano vivido, como é evocado por muitos, e o palco de suas articulações e de seus processos sócio psicológicos.

O ambiente fica povoado de lembranças da família, dos amigos, da vida profissional, das dimensões lúdicas narradas por esses velhos. É o lúdico embutido em suas memórias, a extensão de suas vidas vividas num tempo de outrora, mas que nunca foi embora.

As narrativas ganham feições e identidades próprias. O cachorro, o porquinho e as galinhas deixam de ser apenas uma galinha ou um porquinho, mas na história ganham outra dimensão. O cão tornou-se o guardião, o amigo e a história pode ser revivida e contada com um brilho no olhar, com um toque de saudades. Os bichos hoje presentes em sua memória: (“Leão, Bolinha, Totó, Pretinha, Chaninha, Miúda, etc”) um dia foram os bichos de estimação, de infância, os companheiros desses sujeitos ou de seus filhos e seus netos.

Nesta Vila, os que aí vivem têm regras e exigências a serem cumpridas, pois cada um deles tem um papel a desempenhar neste espaço. Todos esperam ser reconhecidos em sua singularidade, fazer valer seus direitos e vontades, pois todos ali buscam se reencontrar como gente.

Na entrada da vila, existe uma sala de estar, onde há bancos enormes, imagens de santos. É o lugar onde se celebram as missas aos sábados e em ocasiões especiais. Por abrigar indiferenciadamente tanto pessoas da vila quanto da comunidade, é o espaço onde se realizam as relações sociais, as interações entre os de dentro e os de fora em suas diferentes necessidades e desejos.

Há ali também jardins floridos, espaço para festas, alas feminina e masculina, áreas para a vida coletiva. Existem espaços de terra para que os sujeitos

idosos passam cultivar suas práticas de jardinagem, capinar, colher, limpar. Cultivam árvores frutíferas e há também um pequeno galinheiro com que diariamente se ocupam. Bancos de cimento estão espalhados pelo pátio, doados pelos comerciantes da cidade, com inscrições fazendo menção aos seus estabelecimentos. Servem para o descanso, o bate - papo e até mesmo para retemperá-los da lida do trabalho.

Homens e mulheres circulam num ir e vir, saem de suas alas para as tarefas de cuidar das plantas, do jardim, da cozinha, dos banheiros, enfim, para um fazer diversificado. Realizam, além disso, práticas artesanais, com as quais intensificam no próprio ato do fazer, os contatos sociais entre si.

Pode-se ouvir o canto dos pássaros que vem trazer a alegria e o burburinho às manhãs e às tardes. Novamente os bichos, desta feita os que voam soltos, e que todos os dias orquestram suas melodias na janela, na varanda, nas árvores e nos arbustos. Um idoso tem duas gaiolas com canarinhos e tem como ritual diário, tratá-los, conversar com eles. Os idosos masculinos parecem ser mais sensíveis, mais dedicados, gostam mais de cuidar dos bichos, das plantas. As mulheres têm mais necessidade de atuar nos serviços domésticos, já se identificam mais com a limpeza, a cozinha, a comida, o falatório, a novidade, o burburinho.

A pequena criação que há no asilo constitui-se de algumas galinhas com pintinhos, uma vaca leiteira e alguns porcos, para que esses idosos possam se movimentar, nas práticas que ainda estão vivas em seu cotidiano. Além desses bichos ficam por ali alguns gatos que são da vila ou que aparecem por lá à procura de comida e atenção. **Dona Amélia, 72 anos**, moradora da Vila há muitos anos, afirma:

“Ah! Esta cozinha eu gosto muito sabe, aqui tem os meus momentos bons e ruins, na minha cozinha acontece de tudo, tem até o meu gato que crio desde pequenininho quando ele apareceu; eu sempre gostei de bichos”.

Ela sabe como lidar com estes animais que aparecem por lá, como conquistá-los, mostrando zelo e atenção: *“Estou aqui pelejando com uns pintinhos, estou criando dentro desta lata grande de óleo vazia, acho que eles piam mesmo, porque eu já dei o quirelo (milho seco moído), eles não estão com fome não.”* Há também um cão sem raça definida, presente ofertado a uma das Irmãs, que vive preso e é cuidado por um senhor. Este cão é motivo de medo principalmente para algumas idosas, pois o seu latido forte as faz temer o perigo, e freqüentemente em suas falas percebemos que as irmãs sustentam as fantasias deste medo, quando aquelas querem fazer algo que não é permitido como, por exemplo, ficar muito tempo no pomar, ir para a ala masculina.

O asilo conta com o trabalho de algumas pessoas que são contratadas, como a cozinheira que é da comunidade, duas ajudantes da ala masculina, sendo que uma destas tem o pai como residente. Há, portanto, de sua parte, uma identificação em cuidar desta ala. Há uma ajudante da ala feminina que também é da comunidade e outros ali que trabalham como voluntários.

Todos esses funcionários interagem com os internos de forma carinhosa, brincalhona. Riem e se divertem com eles, mas, às vezes, são enérgicos, dependendo da situação. Muitos funcionários, no seu tempo livre, ficam na ala masculina ou na ala feminina, escutando as histórias. Participam de alguns trabalhos práticos, quando lhes é permitido, esbravejam quando alguns sujeitos idosos insiste em

querer alguma coisa fora do horário, ficam contrariados quando alguns estão fumando muito, quando jogam algo no chão, pois nas alas há as lixeiras para recolher os detritos.

Nos refeitórios de cada ala existe um aparelho de TV, que não é utilizado com muita frequência. As mulheres são suas usuárias mais assíduas. É permitido a elas ficar com a TV ligada no horário das novelas da tarde ou de programas escolhidos pelas irmãs. Muitas se queixam de não poder mudar os canais para escolher outros tipos de programas. Elas dizem: “Aqui só gostam desta Rede Vida.” Parece que para as irmãs é mais fácil centralizar a atenção destes sujeitos nesta emissora, que promove a oração o dia todo, a religiosidade, a fé. Este fator pode favorecer o comodismo e, além disso, estimular a criação de mecanismos de defesa para não se consumir o mundo lá fora, ou não se enxergar o que lá ocorre. E quanto às irmãs, tentam mostrar um sistema de regras e normas que deve ser consumido por todos e, principalmente, pelas mulheres que parecem mais dispostas a desafiar esta disciplina.

O ambiente em geral facilita a realização de atividades de confraternização entre as alas devido à existência de rampas para fácil acesso, todavia, é somente com a presença dos estagiários de Psicologia, com familiares, com funcionários ou com as próprias irmãs que os internos circulam livremente; caso contrário, tanto homens quanto mulheres não saem de suas alas e demonstram resistência em manter um contato mais estreito. Têm medo da proibição que lhes foi dada, já que o desrespeito pode lhes trazer punições, como, por exemplo, ficarem presos em seus quartos. Na fala das irmãs intui-se que todos podem andar para onde quiserem, mas, percebemos que há um lugar marcado pelo “não”: as alas masculinas e

femininas não são de livre acesso para os sujeitos, mas sim para os funcionários, estagiários e para as próprias irmãs.

Neste espaço da vila, das alas, não existem mesas de jogo de sinuca, existem mesas comuns que podem servir para jogos, mas os homens principalmente, preferem sempre conversar, fazer contato, contar suas histórias. O baralho segundo eles, “é só para o fim de tarde; quando não tem ninguém para conversar, dá para jogar um truco,” nos fala o Sr. **Gilson**.

Observamos também que as irmãs têm em seu discurso a concordância para os jogos, mas vimos que a resistência dos sujeitos em aderir a esse tipo de lazer é confusa e temerosa, pois há um controle implícito para a não adesão a estas atividades; a permissão só existe na fala, não na ação.

A alimentação que estes sujeitos recebem é leve e ajustada às suas necessidades. São quatro refeições oferecidas no dia: café da manhã às 6h30, almoço até 11h30, lanche servido às 14h e no jantar é servida uma sopa às 17h . Para eles, o horário segue a rotina que tinham quando trabalhavam; muitos nas entrevistas, relatam que almoçavam às 10h da manhã e jantavam às 16h. Este é o costume que se segue na zona rural². A única coisa que acontece é que muitos reclamam, acham que deveriam ter no jantar uma alimentação como a do almoço (com arroz, feijão, verduras, um frango ou uma carne, em vez de sopa). Pudemos observar que se muitos deles não reclamam, não se sentem satisfeitos. É uma forma que têm para chamar atenção, para serem notados e

² O dia começa cedo e termina também cedo, e o fim de semana é para os passeios, as compras na cidade(principalmente em fim e em começo de mês) e para os descansos da labuta do dia-a-dia

até mesmo escutados. A maioria deles faz reclamações quanto à comida, acham-na sem tempero, sem variedades. Muitos deles são portadores de diabetes, são hipertensos, e alguns possuem outras patologias e dizem comer pouco. Para esses a comida é mais controlada devido a seus problemas de saúde. Só na época de festividades a Irmã Carolina deixa-os à vontade, para que se deliciem mais fartamente com os quitutes. *“...quando estamos na Vila sentimos o cheirinho da comida deles, que é muito saborosa. Já comemos com eles, durante a semana e também no domingo, porque a Irmã nos convidou”*. Diz uma estagiária em nome do grupo: *“...A alimentação deles é bem balanceada é saborosa, só não tem muito sal.”*³

As festinhas e os bailes são o apogeu de seus desejos, de suas gratificações de felicidade, enfim, de sua alegria. Suas faces se iluminam, quando ficam sabendo que vai haver festividades naquela semana ou naquele mês ou até mesmo um passeio. Na **“Semana do Idoso”**, que se realiza em outubro, há varias comemorações e os sujeitos idosos recebem a visita de escolas de 1º grau da comunidade, fazem passeios ao Zoológico ou a parques de cidades dos Circuitos das Águas. Também visitam cidades próximas que tenham alguma atração turística, levados pelos estagiários de Psicologia. Após os passeios comemorativos celebra-se uma missa e faz-se uma festa com bolo, balas, cachorro quente, tortas, suco, refrigerante e pipoca. Cantam-se os parabéns a todos e depois há um baile. Muitos adoram dançar o ‘forró, o arrasta – pé’, como dizem. Eles se extasiam de felicidade, sentem prazer em reviver essas atividades

³ Relato das estagiárias Sunamita, Queila e Vânia, em supervisão de estágio.

lúdicas. A presença a essas comemorações ou festividades só é permitida aos estagiários de Psicologia ou a certas pessoas da comunidade.

Muitos desses sujeitos têm atritos entre si; muitas vezes, estes não são só verbais, ocorrem também danos físicos, como ferimentos. As brigas acontecem pelo deboche, pela competição. Isso mais em relação às mulheres, que são menos passivas, mais questionadoras mesmo. Temos caso de alcoolismo entre algumas delas, o que muitas vezes atrapalha o desenvolvimento biopsicossocial das pessoas mais velhas que são sensíveis, volúveis, algumas já num processo de esclerose. Esses aspectos tornam não só a vida ali mais complexa, mas também o próprio trabalho que é possível desenvolver nestas condições.

Se as mulheres são mais reticentes às ordens, o companheirismo entre elas não é escasso. Muitas são amigas, companheiras, identificam-se com amigos em comum, com familiares, com parentes e outros. Pequenos favores há sempre quem os faça: cuidados com a companheira do quarto, com as dependentes. Vimos isso com a **Juju**, a **Chica**, a **Naná**, pessoas que já moram há mais tempo na Vila.

2- A divisão por alas masculina e feminina

Compor o espaço desta vila é contar um pouco da ala feminina e da ala masculina e em que se diferem.

Há 14 quartos na ala feminina, com 25 mulheres ocupando-os. Neles há barulhos, falas e o burburinho que só as mulheres sabem fazer. Os quartos são grandes com espaço para circulação.

Vimos que as mulheres adoram observar o movimento de cada uma delas. É quando acontecem as implicâncias, as desavenças, pois muitas vezes umas querem conversar e outras, assistir à TV. Umas querem ficar na varanda, porque dizem que os quartos são muito quentes, outras querem ficar nos quartos, porque na varanda ficam muitas pessoas e não se tem privacidade para conversar.

Muitas delas gostam de se esticar no sofá, na varanda, e ficar conversando com os estagiários. Foi neste espaço que surgiram muitas das dinâmicas realizadas com as mulheres, em que se tratou de casamento, relacionamento, amizade, companheiros. É também aí o lugar onde elas fazem as trocas de cigarros, de presentes e de objetos que compram ou ganham. Parece ser a varanda o espaço dos segredos e dos acontecimentos mais marcantes da vida das mulheres que lá estão.

A ala masculina, com seu corredor comprido, sua varanda, seu refeitório, abriga também uma sala de estar com cadeiras, mesas, sofá, onde os homens recebem os visitantes sempre com um sorriso e com uma satisfação sem fim. Ao chegar das visitas, seus corpos se movimentam, agitam-se numa emoção ímpar. Os homens são mais receptivos, são muito mais companheiros entre si, sempre se reúnem para escutar seus programas de rádio coletivamente e deixam claro que não fazem questão da TV, o que é o contrário da ala feminina. Observamos que o convívio com a TV é limitado.

Argumenta-se com a necessidade de se fazer economia no uso de energia elétrica. As irmãs nos informaram que há uma cota de gastos para água e luz. Em caso de excesso, elas é quem deve pagar, portanto, há um racionamento de energia elétrica. Em quanto implicaria, porém, o aumento da conta de luz apenas por manter o aparelho ligado? Certamente que muito pouco.

As funcionárias que cuidam da ala masculina adoram quando os sujeitos idosos tomam o café da tarde e o Senhor **Gilson, 74 anos**, conta os “causos” da sua mocidade, dos seus galanteios para com as mulheres, de sua molecagem com os amigos, da conversa com os pais, quando queria se casar aos quinze anos e assim vai. Faz-se um elo entre a vida pessoal e a vida coletiva.

Percebe-se que a ala feminina é mais freqüente em confusões que geram atritos, brigas. As mulheres são mais briguentas, barulhentas, enérgicas, enquanto os homens são mais cautelosos, vivem mais uma relação de troca, mostram-se na maioria das vezes, companheiros entre si.

Os internos, tanto homens quanto mulheres, adoram falar a respeito da época das frutas que existem no pomar da Vila: jabuticaba, laranja, mexerica, abacate, pitanga, manga... Eles podem apanhá-las, e saboreá-las. Muitos preferem o suco que é servido no lanche da tarde, e alguns costumam apanhar as frutas e guardá-las para os familiares, para os estagiários prediletos, para as trocas.

Quanto a sua higiene pessoal é um caso à parte, muitos se cuidam sozinhos, mas outros são dependentes, necessitam de cuidados, tanto dos funcionários quanto das irmãs.

O banho é realizado uma vez ao dia e logo ao amanhecer, quando se levantam o que é uma norma. Há reclamações neste sentido também de muitos que se queixam porque não podem escolher seus horários ou porque não podem tomar dois banhos quando querem. Por ser uma norma, insistem em contrariá-la, isto é, querem banhar-se mais de uma vez ao dia, mas observamos que se fosse diferente muitos deles passariam até três dias sem banho. Muitas vezes o cheiro de urina fica impregnado nas roupas, odor forte, devido à impossibilidade de locomoção em casos de idade bem avançada, ou em casos de derrames, atrofiamentos de membros e outros, mas nessas situações é que observamos a solidariedade que existe entre todos eles. Uns cuidam dos outros com carinho, dedicação, como se cuidassem de filhos, de pais, de pessoas queridas; é uma forma de convivência que existe entre eles espontaneamente.

Os assuntos (conversas) ora são freqüentes, ora ficam silentes, dependendo da situação, do ambiente, do(a) companheiro (a) que se foi. Entre as mulheres há uma fala freqüente, competitiva. Muitas dizem de si, lembram-se de fatos soltos na ordem cronológica, reclamam das colegas ali presentes, solicitam sua atenção o tempo todo, levam o visitante para o quarto, para o cantinho, tentam manipular, seguram a pessoa na hora de ela ir embora.

Dona Zica, 84 anos, já sabe como nos comover. Começa a cantar sem parar e bate palmas pedindo-nos para ficar só mais um pouquinho: *“Ah! fica só mais um pouquinho, ainda tá o dia claro, agora mesmo vocês vão embora para as suas casas.”* **Dona Alda, 78 anos**, nos diz: *“...sabe menina”- falando com todos- “eu sinto muita falta quando vocês não chegam aqui no meu cantinho. Como eu não posso andar, eu fico esperando vocês aqui.”*

Esses sujeitos raramente se interessavam por sair de suas rotinas, não gostavam de um trabalho coletivo, um joguinho de fim de tarde, uma palestra dada

por um profissional da Enfermagem ou da Psicologia. Recusavam-se a fazer coisas diferentes. Muitos gostavam de ficar nos quartos, sem se importar com cheiro que se impregna pelo que está guardado, esmaecido. Os quartos têm vitrôs bem altos em vez de janelas e somente os funcionários conseguem abri-los. Não há sol direto nos quartos e muitos se queixam por se sentirem presos, por não poder abrir suas janelas para olhar *“para onde eu quiser”*, disse-nos uma idosa. Após o trabalho dos estagiários de Psicologia, se permitiu a chance para conversas, brincadeiras, risos, trabalhos de artesanato, pintura, colagem nos armários, nos móveis dos quartos. As pessoas se voltaram para uma atividade que se registrava em cada situação, em cada momento em que puderam escolher o que queriam fazer coletivamente, individualmente. Depois dessas práticas que foram sendo instituídas, sugeridas, escolhidas, intensificaram-se suas conversas, isto é, os mais comunicativos puderam externar seu gosto por concordar, discordar; já os outros, considerados introvertidos, preferiram ir para seus quartos, enquanto outros optaram por permanecer na varanda silenciosamente. Há também os que ainda não aderiram a qualquer mudança. Alguns deles respondem que *“estão velhos demais, com dor na vista, já trabalharam muito e hoje querem descansar”*. Existe, entre estes quem se ressinta das patologias da idade e, por isso, acaba se isolando do outro grupo que trabalha, conversa. E o trabalho da Psicologia chegou ao seu limite; foi até onde foi possível chegar.

Percebe-se também que se alegram com a presença do padre da comunidade, que vai celebrar a missa três vezes na semana, às segundas - feiras,

quintas- feiras (somente as Irmãs têm acesso) e aos sábados, aberta a toda comunidade.

3 - As Irmãs de Caridade

As quatro irmãs que dirigem a Instituição permanecem no mesmo prédio e têm seus aposentos, na parte central do prédio, entre a ala masculina e a feminina. Fazem a sesta depois do almoço, fazem seus retiros espirituais, saem para ir ao banco, supermercado, padaria, médico. Sempre vão acompanhadas de um dos idosos, de preferência um homem, pois, segundo elas: *“ Ah! Os homens são mais rápidos, falam menos, têm mais força e não param na rua para ficar conversando.”* Parece que de alguma maneira se reafirma o controle maior que elas têm em relação aos homens, em oposição às mulheres. Muitas vezes isso fica implícito nas entrelinhas. As freiras recebem por seus trabalhos e o serviço é desenvolvido de acordo com as regras que elas determinam. Uma das freiras é a responsável pela Instituição e a dirige como uma diretora de colégio respondendo por todas as situações.

Segundo as Irmãs, o objetivo desta Instituição é atender as pessoas sem lar. A base do projeto é da Igreja Católica com o objetivo de servir Cristo na pessoa dos pobres.”

A Irmã Samanta, diretora da Vila, é responsável por todo o seu funcionamento, pelas manifestações e concretizações desta realidade. Há mais três freiras que a acompanham nesta trajetória: Joana, Carolina e Mariana. São pessoas que se dedicam a cuidar de todos os idosos que vêm para a Vila.

Irmã Samanta já conta cinco anos de casa, tendo tido outras experiências similares antes de vir para a Vila.

Preferiu enfatizar, ao discorrer sobre aqueles idosos, seus medos, ansiedades, receios, carência, transferência, lucidez, um pouquinho de loucura cotidiana que cada um de nós seres humanos temos e reproduzimos no viver.

Estas pessoas que chegam aqui, fala Irmã Samanta, *“são pessoas muito carentes que necessitam de nossa atenção, que buscam toda a nossa proteção. Saem das casas de suas famílias, dos filhos, da sua própria casa na esperança de todo dia, toda semana, ou no sábado e no domingo serem visitados por sua família”*. Muitas famílias tomam parte nos acontecimentos da vila, participam das festividades, da missa, das campanhas. Mas há aquelas que simplesmente desaparecem e o que passa a acontecer é que os velhos se sentem abandonados e tomam a Vila como a própria família. As irmãs tornam-se pais, mães, filhos, parentes; a mesma coisa acontece com os internos, pois a partir do momento que há uma identificação, um gostar, estes tornam-se uma família.

“O que quero deixar claro”, diz a Irmã Joana, “é que todas estas pessoas que chegam à Vila são pessoas que têm memória; lembrar muitas vezes torna-se difícil; acho mesmo que por conveniência, por carência, por rejeição. Mas esquecer é muito fácil. Quando estão alegres, felizes, lembram-se de tudo que os rodeia – da família, dos parentes, dos amigos, de suas histórias.”

Diz Irmã Samanta a respeito da memória destes senhores e senhoras:

“Para mim a memória é o carinho da gratificação. Nossa! Quando eles chegam aqui quietinhos, desconfiados, os olhinhos mexendo de um lado para o outro, eu vejo por todo esse movimento as suas memórias – quem busca o carinho, o toque, o calor humano, é porque já teve isso um dia. Presta atenção menina, que todos vão chegando de mansinho e se aninhando perto da gente, olhe aí.”

Uma interna, a **Nena**, **75 anos**, (chamam-na de Tuca - branquinha de olhos azuis) ficou junto de nós e a cada hora acariciava a Irmã ou a mim, e interrompia a nossa conversa para contar alguma coisa sobre algum acontecimento. *“Dona **Maria** não gosta de tomar banho todos os dias; Dona **Tereza** não dá descarga quando sai do banheiro; a **Lila** entra nos quartos e rouba os doces e biscoitos que os internos ganham de suas famílias...”* E, conforme ia contando, ia acariciando as mãos da Irmã Samanta.

Para a Irmã Samanta, quando eles estão brigando muito, tanto os homens quanto as mulheres, com os colegas, com as próprias irmãs ou com as funcionárias, é porque estão sentindo falta de suas famílias. Eles fazem uma transferência, deslocam sua raiva, sua decepção, sua rejeição em alguém ali muito próximo e, na maioria das vezes, é nas Irmãs, porque estas representam figuras de respeito, de importância em suas vidas e, ao mesmo tempo, podemos dizer que são mesmo opressoras, rigorosas, autoritárias.

Em nosso trabalho de estágio, observamos que muitas vezes as brigas são situações de oposição, de descontentamento. Frequentemente as Irmãs impossibilitam a eles o desejo do namoro, o ir e vir de uma ala para a outra, o cigarro que o filho traz e é racionado, a bolacha, a bala. São situações em que eles contrariam

as normas impostas, o desejo das irmãs e estas os oprimem com a rigidez dessas normas institucionais.

Muitas vezes, se as freiras saem para ir ao banco, ao hospital, para fazer uma compra ou então uma viagem, porque precisam, estão de férias ou porque vão resolver algo na congregação ou mesmo na sua família, eles ficam desesperados, desamparados, inseguros, mesmo com a situação descrita acima. É com se novamente estivesse acontecendo uma separação, uma perda, alguém está indo embora, não está ficando. A Irmã Samanta senta-se com eles para explicar que vai sair, vai viajar, mas que retorna em breve ou em tal dia, e isto torna-se o assunto da Vila, o burburinho de agrados e desagradados, de articulações e desarticulações.

Ela diz que até entende este movimento, pois sua principal função é estar ali servindo estas pessoas, dando-lhes todo carinho e atenção. *“Não é uma coisa fácil, diz ela, pois cada um aqui é diferente do outro”*. Começa falando que os homens dão menos trabalho, brigam menos, são mais independentes.

“Eles só saem lá da varanda ou de seus quartos ou do refeitório e só nos solicitam quando tem alguém doente, algum recado, um pedido importante; caso contrário, ficam na deles, conversam, dormem, jogam, passeiam...”

Isto é, os homens se contradizem mais, são mais passivos às normas estabelecidas, mais pacatos diante dessa situação de opressão, enquanto as mulheres são barulhentas, questionadoras, querem seu espaço, opõem-se às normas, mexem na TV para ver o que estão falando “lá fora”, gostam das roupas coloridas, querem o batom, o esmalte, o acessório colorido para ir à missa, ao pátio, à festa.

A irmã fala do lazer destes sujeitos e como ele acontece na Vila.

“Eles gostam muito de conversar com a gente, adoram as brincadeiras. Quando a gente tem tempo, senta lá com eles, nós escutamos suas histórias e rimos junto com eles. Eu vejo o lazer deles assim. Todos relatam suas histórias, os acontecimentos do passado e os vão passando a limpo. Choram por lembranças tristes de perdas, riem dos acontecimentos da família, dos amigos, e ficam bravos quando não gostam de alguma coisa, principalmente se o (a) companheiro (a) pega algo que é seu, e ficam alegres como se revivessem aqueles momentos que estão lá no seu passado.”

Outra coisa importante: *“aceitam com mais facilidade um novo hóspede, não têm rivalidade. Eles são ótimos”*. Novamente as irmãs colocam os homens sendo os mais tolerantes, compreensivos isto é, são subordinados às suas normas sem se confrontar com sua autoridade, ponderam mais por não conseguirem conviver com os conflitos; geralmente seguem cotidianamente o que lhes é proposto.

A maioria deles é aposentado. Então, todo começo de mês, muitos saem e vão até o banco buscar a aposentadoria. Aproveitam esse dia para ir a uma loja, passear, visitar a família – filhos, netos, parentes, vão também à Igreja, e o dia é livre para fazerem o que quiserem, segundo o relato dos entrevistados.

Já com as mulheres é muito diferente,

“...elas têm uma rivalidade muito grande umas com as outras, brigam, choram, batem, xingam... são terríveis. Quando chega uma nova hóspede, ficam falando pelos cotovelos, ignoram a pessoa, isolam-na, tudo é complicado. Já são totalmente dependentes de nós. Nós temos que ficar supervisionando as roupas, os banhos, a comida, eu sei que isto é coisa de gente velha mesmo, mas por mais que elas briguem, a gente vê o afeto também entre elas, muitas que são mais velhas, entre 80 e 90 anos adotam as de sessenta, sessenta e poucos como suas filhas e estas ficam como suas mães, tem muito aquela coisa também : se uma fica doente, as outras vêm acudir, nossa! Quando morre alguma delas é um chororô danado, é assunto para uma semana”, relata a Irmã Samanta.

Observamos então que as mulheres se diferenciam, porque elas incomodam tanto, gritam, opõem-se às regras, são fortes perante as normas instituídas.

Continua a Irmã Samanta:

“eu fico vendo os estagiários quando chegam aqui. Às vezes, houve um feriado ou uma semana de provas, e ficam sem aparecer alguns dias. Quando eles chegam, e cada um já tem as suas identificações, se aproximam delas ou deles (os velhos) e todos querem falar ao mesmo tempo, querem contar os acontecimentos. É talvez aí, que eu te falo da memória, eles vão recompondo os fatos, o presente de algo que já aconteceu no passado deles, a perda de alguém importante, uma lembrança da infância, da mocidade que vem à tona no presente.”

A irmã novamente enfatizou que:

*...“ali está a sua vida para servir ao seu próximo, independente de raça, credo, situação econômica”, Diz ainda que na Vila há pessoas que benzem como o Senhor **Gilson**, o Sr. **Joaquim** e o Sr. **Fabiano** (já falecido) e que quando alguém vem pedir-lhes que benzam uma criança, ela não se importa e fala: “sou freira, tenho minha convicção, mas antes de tudo sou muito humana. Não estou aqui para acolher só o que é bom, esta instituição é pobre, é carente, e aqui a gente faz o que é possível.”*

Mas vimos que apesar de todo este discurso das irmãs, a forma de promover os sujeitos sociais é através da opressão, da distribuição de regras, de normas rígidas e punitivas. Muitas vezes, percebemos sujeitos em seus quartos isolados, sem poder se comunicar, são as regras por extraviarem a norma, as regras internas por aportar o desejo de não fazer.

Irmã Joana é mais que a irmã de todos da Vila, segundo as outras freiras. É companheira, alegre e “fazedora” de coisas. Veio para a Vila ainda nova, diz “que tinha muito a aprender”. Quando cheguei para conversarmos, Irmã Joana estava em uma copinha, acompanhada de duas internas, rindo e chupando cana. **Tita, 65 anos**, é uma das internas e não tem dentes, mas salivava para que a irmã lhe desse um

pouquinho do *“caldo que é docinho dizia ela*. Era um momento lúdico das irmãs junto às internas. A outra interna, a **Nena, 50 anos**, a mais jovem da Vila, dizia: *“a irmã quando está chupando cana parece criança, pois até escorre o caldo de tanta felicidade que a Irmã sente de estar chupando cana”*.

Conversando e brincando ao mesmo tempo, a freira tentou mostrar que existem alguns momentos em que elas até dispensam atenção aos sujeitos, fora das atividades corriqueiras, dando ênfase ao seu lado humano, de ser humano, de não ter regras ou normas para a promoção dos sujeitos sociais, apesar de manterem uma postura autoritária e manipuladora: *“eu te dou um pedaço da cana que é doce e você gosta de mim como sou, isto é, me respeita”, é a mensagem que fica explícita*.

Fomos para a saleta de entrada. A Irmã Carolina passou e brincou comigo e com a Irmã Joana. Eu havia percebido o quanto Irmã Joana estava gorda, pois o que fazia ultimamente era só comer “fechar a boca” não existia em sua disciplina. Pude perceber também a satisfação e insatisfação misturada neste contexto. A brincadeira “correu solta” por alguns segundos e voltamos à conversa. Irmã Joana já trabalhou em outra casa, no Lar de Campo Alegre. Conta que de um Lar para outro há muita gente diferente. *“O Lar de Campo Alegre, as pessoas que lá vivem, são pessoas ricas, com outros acessos.”* Irmã Joana fala dos acessos como por exemplo, o acesso financeiro; das diferenças que há entre os trabalhos realizados por ela na atual instituição e aqueles realizados em Campo Alegre, onde os sujeitos têm uma *“Proximidade maior da família, participação nos grupos e danças da Terceira Idade,*

acesso ao salão de beleza para fazer o cabelo, as unhas, as viagens de turismo e outras.”

“Nosso povo aqui da Vila é um povo mais humilde, a realidade deles, tudo o que é ligado às suas lembranças é a coisa da terra, do trabalho (capinar, colher café, cortar cana, roçar). As mulheres fizeram serviços domésticos (do lar, empregadas domésticas), é uma outra realidade. Mas eu nunca gostei de coisa fácil, só me sinto útil aqui, quando posso cuidar do que é difícil. A minha caridade está justamente aí, trazer um pouco de alegria para estas pessoas. Eu vejo a vila como um lugar de descanso para aqueles que trabalharam a vida inteira.”

Prossegue ela em nossa entrevista:

“só que com jeitinho eu vou puxando um ali, um aqui e ponho eles para fazer alguma atividade. Nossa! Quando você chegou aqui com os seus alunos, vocês deram uma nova cara, um novo olhar para este lugar.”

Enfatizo que foi muito bom ouvir este comentário dela, pois nos motiva a cada dia investir mais no trabalho, escutar que é importante para a Psicologia e principalmente para o estagiário ser reconhecido.

Diz ela: *“Eu acho que vocês são maravilhosos, tantos estagiários que eu não esqueço, a **Kátia**, a **Renata**, a **Rita**, o **Patú**. Tantos outros que chegaram trazendo o sorriso, a alegria, a vontade de fazer, e os idosos traziam coisas junto com eles. Me lembro de uma colagem que eles fizeram. A única coisa que fico triste é porque muitos idosos faleceram, o **Vozinho**, Dona **Zana**, **Sá Rosa**, Seu **Fabiano**, ‘este era apaixonado por você, professora’. Eu me lembro que eu chegava lá na ala dele, e ele falava: “Hoje é dia da professora vir aqui, quero tomar de olhos abertos fazendo os planos, comprar os móveis. No dia em que ele morreu, a Irmã Carolina colocou-lhe o terno, a gravata, e você precisava ver que gracinha que nós deixamos ele.”*

Segundo Campos (1996, p.124), “ a instituição, enquanto mediador entre o que é da ordem social e cultural e o que é da ordem do indivíduo/ sujeito/ ator, se revela como o centro dinamizador das transformações sociais.”

Neste momento, sinto toda a afeição aflorando, a dedicação que as irmãs sentem por estas pessoas que fazem parte de suas vidas, de seu trabalho, até

mesmo na repressão, na falta de tato, nas desatenções, na onipotência. Esta é sua opção de vida, pois não sabem promover estes sujeitos sem as regras e opressões que incorporaram por serem religiosas. Mas que missão é esta?, nós perguntamos. E também que caridade é esta que por trás esconde muitas coisas que excluem?

4 - Os Estagiários

A freira volta a falar dos estagiários:

“a gente viu como vocês são importantes aqui dentro. O trabalho de vocês é muito importante, a gente fica mais tranqüila, porque muitas vezes aquele senhor que está nervoso, o estagiário vai lá e conversa com ele, depois de um tempo ele está até sorrindo e tudo voltou ao normal. Os grupos de colagem a gente vê que eles até ficam de cara nova, eles saem da depressão, dos queixumes, tudo isso é importante ver.”

Em nossas supervisões, é discutido tanto o trabalho teórico quanto o trabalho prático e, a respeito do primeiro os estagiários, a partir de seu amadurecimento e do próprio trabalho, percebem que devagarzinho conseguem chegar até estas pessoas, em sua confiança, em seu respeito. Eles dizem:

“... quando a gente chegou lá, achamos que não ia conseguir nada, que eles não iam sair daqueles lugares em que estavam instalados; quantas recusas tivemos, cara feia. Mas depois eles vinham correndo falar com a gente, nos puxavam pelo braço, contavam as novidades, levavam a gente para ver algum deles que estavam na cama. Isso fomos percebendo aos pouquinhos, e também quando você nos questionava a respeito de nossa pressa, do nosso tempo e não do tempo deles que a gente não via, não percebia, sabe, loucos, desmemoriados, isso eles não são de jeito nenhum, pelo contrário, eles é que promovem o nosso trabalho com as suas experiências, com as suas vivências. Com eles aprendemos como é a fala do velho, os sentimentos, como eles vêem as coisas do passado.”

Falamos então sobre o lazer, como ele acontece e de que forma acontece. Segundo Irmã Joana:

“Eles são um pouquinho difícil, mas sempre que tem uma festividade eu falo: ‘Vocês querem festa junina’? Se querem, então todo mundo vai ter que ajudar a fazer as bandeirinhas. Coloco todo mundo junto, é um falatório só – reclamações, cantos, suspiros, é a folia no ar. Eu pego um e danço, a outra, eu rodo com ela, então eles falam: ‘a Irmã Joana parece uma criança’, e sabe, eu me sinto mesmo uma criança, uma palhaça, eu quero vê-los alegres, satisfeitos, contentes. Tem dia que a gente só conversa, eu sento com eles e eles vão me contando, mais os homens, qual a idade que tinham quando começaram a trabalhar, o casamento, os filhos, as promessas, a vida. Eles adoram lembrar de passagens alegres, prazerosas, a gente vê que eles ficam gratificados em nos contar e se sentem super – importantes, quando a gente elogia. Uns contam e cantam causos e mais causos de sua vida, outros choram, quando recordam a morte da esposa, do filho, a separação, a mudança e até mesmo a aposentadoria.”

Percebe-se que a irmã é inteirada de tudo o que acontece com todos da Vila. Quem está feliz, quem está triste. Ela é a mediadora dos sentimentos de cada um, acredita ela quando nos relata sobre estes idosos. Não sabemos se por necessidade ou por controle.

Sabe, diz ela,

“muitas vezes, a minha opinião com a das irmãs diverge um pouco. De vez em quando a gente bate boca, eu sou mais atenta, mais comunicativa, não sei, acho que vejo muitas coisas de outro jeito. Vejo que a minha vida está aqui, já te falei, não gosto do que é fácil, gosto de arriscar, confrontar, buscar. Eu encaro as coisas mesmo, não tenho vergonha de ir à luta, se precisar pedir, eu vou e peço. Infelizmente a nossa instituição é muito pobre, temos poucos recursos, depende de diretor para diretor, e aí a gente vai dependendo deles.”

*“Como diz a **Nena**, no ‘Tatao’ (Natal), eu faço uma sacolinha para cada um, lá eu deixo um presentinho para cada um e quando não tem nada eu invento.”*

A irmã fala com garra, com determinação naquilo em que ela acredita. Fala da sua experiência do fazer e sua memória está impregnada das lembranças desses velhos que habitam esta Vila, que ora são de esperança, ora de fraternidade, ora de vida. Construir o possível nos diz ela – *“tem uma hora que a pessoa lembra e não consegue esquecer”*, fala de uma interna que lhe contou uma história, mas observamos que muitas vezes são somente fatos que ficam na fala e escapam das ações.

Sim, as lembranças estão em todo o lugar, no bonito, no belo, no feio, no toque, no coração, na esperança, no lúdico, no possível. Irmã Joana é o carinho, a gratificação deste lugar, destes velhos. Irmã Joana compõe o que pode ser composto. Tudo que Irmã Joana nos contou, contou-nos pelo lazer, pela convivência de ensinar, aprender, trabalhar, criar, pelas possibilidades e impossibilidades, talvez ela se diferencie mesmo das outras. Quem sabe?

Goffman (1987, p.69-70) afirma que: “ quase sempre, muitas instituições totais parecem funcionar apenas como depósitos de internados, mas, como já foi antes seguido, usualmente se apresentam ao público como organizações racionais, conscientemente planejadas como máquinas eficientes para atingir determinadas finalidades.”

Observamos que o cotidiano das Irmãs é o trabalho dedicado a estes sujeitos, que não deve ser fácil pela suas singularidades e diferenças. A reza e as refeições são compartilhadas na medida do possível, colocam elas. Já as mulheres insistem em dizer que as irmãs têm suas refeições diferenciadas. Talvez seja a mesma comida só que mais temperada.

Nas entrevistas, observamos que a emissora de TV mais assistida é a Rede Vida, no horário dos terços, das missas que estão em concordância com as normas e regras da Instituição, pois para as freiras um dos quesitos de lazer são as orações realizadas em partes do dia, como às refeições, durante o período da tarde, à noite e as mulheres nem sempre aderem a isso tanto quanto os homens o fazem.

De um modo geral, *“todos os idosos gostam das freiras”*, nos diz uma estagiária. Eles, entretanto, manifestam restrições à Irmã Mariana, *“ela não é tão sensível e compreensiva como as outras”*. Esta passagem mostra que muitos são sensíveis ao trato, gostam de carinho, de cuidados, sofrem com palavras que entendem como rigidez, rejeição às suas condições.

Como já vimos, estes sujeitos velhos têm suas singularidades, suas canecas que reconhecem de longe, a roupa que vestiram na semana passada e que agora faz parte de seu armário, sua cômoda, seu guarda-roupa, o chinelo que ganharam do fulano ou da fulana, a camiseta que ganharam de um amigo ou de um familiar, a cozinha, com seus utensílios, que foi adotada por **Dona Amelia** e que hoje fazem parte de sua história . E é **Dona Amélia** mesma quem nos diz: *“ aqui na minha cozinha, eu tenho a minha panela, meus pratos , a minha caneca, essa é de café e esta aqui é para tomar água, e estes são meus talheres também”*. A cozinha é o seu mundo, sua casa, sua vida, é tudo que traz lembranças à memória, o quadro esquelético na parede, a panela gasta pelo tempo, a caneca com a propaganda dos anos de 1950... E, assim, são estes sujeitos velhos que habitam este estudo.

A presença do lúdico no alívio dos sofrimentos

*"Lembrança puxa lembrança e
seria preciso um escutador infinito."
(Ecléa Bosí, 1987:3)*

1 – A presença e a importância do lúdico –

De acordo com diferentes estudiosos (Brougère, 1998; Santos, 1997) o ser humano, em qualquer idade, utiliza-se do lúdico em diferentes aspectos e atividades da vida, como na aprendizagem, no trabalho, nos contatos sociais. A dimensão lúdica colabora para a boa saúde mental do indivíduo em qualquer fase de sua vida, facilita a socialização: a comunicação, a expressão, as formas de convivência, etc.

Segundo Santos (1997), *"não é porque o adulto que brinca ou torna a brincar novamente, que ele volta a ser uma criança, lhe é dado o resgate de conviver, reviver o prazer da brincadeira"*; tal afirmativa contraria a idéia que se tem de que jogos e brincadeiras são fúteis (Brougère, 1998). A vinculação do ludismo com a frivolidade levava a pensar que o parque de diversões, o recreio na escola para o lanche, as brincadeiras e os jogos eram reservados às crianças, principalmente àquelas de classes mais altas. Adultos e crianças menos privilegiados economicamente deveriam estar voltados ao trabalho.

Surge, nessa concepção, a idéia de oposição entre ludismo e trabalho (Brougère, 1998). Mas é verdadeiro opor ludismo a trabalho? Pode haver elementos lúdicos no trabalho?

O entrevistado, **Sr. Gilson, 73 anos**, nos diz:

“Bem, eu trabalhava na lavoura, o trabalho era na base da enxada, era um trabalho pesado, sabe, mas trabalhar sempre deixa a gente alegre, feliz, satisfeito, eu gostava porque a gente passava o dia trabalhando, então a gente sempre se sentia bem, tinha prazer em fazer as atividades, não tinha tempo de ficar pensando nas coisas ruins, nas bobagens...”

O **Sr. Gilson**, continuando em sua entrevista, nos leva a reconsiderar a ligação ludismo-frivolidade:

“Trabalhar é não ficar parado, é sempre estar fazendo alguma coisa diferente, na lavoura não tem rotina, porque cada dia é uma coisa diferente da outra. O interessante do trabalho é que a gente zelava das plantas, eu achava bom, né, ficava alegre, satisfeito, porque cumpria a minha tarefa. A gente acordava de madrugada mesmo e já ia para a lavoura plantar, colher, semear, isso tinha que dedicar horas a fio, todas as atividades estavam nas nossas mãos, o cultivo, a plantação, tudo dependia dos nossos cuidados, a terra te fornece o alimento, mas você tem que corresponder aos cuidados com a terra, aguar, limpar, cortar. O nosso trabalho sempre foi esse, desde criança que os nossos pais vão passando os ensinamentos para a gente, e a gente foi aprendendo.”

A citação da fala do Sr. Gilson permite pensar uma outra concepção de ludismo, desvinculado da predicação “frívolo”.

Começamos por tentar discutir as características do lúdico, assunto que, segundo Castro (1999, p.28-29), é polêmico:

“...o consenso nesta área parece difícil, embora haja uma tendência, presente na maioria dos autores, em admitir o ludismo como um fenômeno universal, como uma

atividade livre, desprovida da obrigatoriedade da vida corrente, fortemente ligado à cultura.”

A autora tenta apontar as características da atividade lúdica de maior consenso, como por exemplo:

- atividade livre: devido à sua não obrigatoriedade;
- atividade regulamentada: possui legislação própria, não fundamentada nas leis e normas da vida corrente; é uma atividade que acontece em tempo e espaços determinados. Mas em se tratando de brincadeiras sem regras preestabelecidas, não seria a espontaneidade freqüentemente a regra?
- atividade prazerosa: quando a finalidade da atividade diz respeito à satisfação e interesses próprios de quem brinca *“na verdade a característica do lúdico se vincula e é apontada, principalmente como produtora de prazer.”*(Castro,1999)

A autora comenta que a o lúdico não deve ser definido a partir do comportamento manifesto de jogar, brincar, podendo ser considerada lúdica as atividades que envolvem a produção de prazer- mais do que o comportamento, o prazer é fundamental como características.

Prosseguiremos no nosso trabalho tentando apontar os aspectos prazerosos, que consideraremos como traço relevante do ludismo. Assim sendo, estamos optando por trabalhar a noção de lúdico não como um comportamento, mas em um viés psicológico, como algo que produz prazer e engendra uma criação, uma produção. Nesse sentido a satisfação com o trabalho, segundo a declaração do Sr. Gilson, citada anteriormente, pode ser considerada como elemento lúdico no seu

trabalho. Reiteramos ainda que a convivência social pode ser fonte de prazer, criação e produção de algo que satisfaça o sujeito.

Procuramos, assim, nortear nosso trabalho realizado na Vila, focalizando, nas dinâmicas grupais realizadas, o resgate e ou a continuação da convivência entre os idosos através das brincadeiras, retomadas da época de suas infâncias, **como a cabra-cega, passa-anel, saci-pererê**; as cantigas de roda que foram repassando para os filhos, os netos, os filhos dos patrões. Em nossas “rodas”(dinâmicas de grupo) incentivamos as narrativas de circunstâncias de suas vidas, o cantar com as lembranças de **atirei o pau no gato, dona formiguinha, eu fui no tororó, pirulito que bate bate, morena flor, escravos de jó.**

Nestas lembranças, no reviver dessas lembranças e de suas histórias, na convivência com o outro, na própria satisfação em participar, objetivamos a ênfase do lúdico na tentativa de trabalhar suas memórias, procurando resgatar os valores e as potencialidades de cada um. A atenção, os cuidados sinceros dos estagiários também desempenharam papel importante: *“...a aquiescência só não seria o bastante para o trabalho realizar-se, mas merecer a confiança daqueles com quem iria trabalhar...”* (Oliveira, 1999, p.59)

Com o trabalho da equipe de estagiários, através de dinâmicas, a importância de resgatar suas histórias, seus ‘causos’ e os acontecimentos de suas vidas apareceu e encorajou, legitimando, esses sujeitos a desfrutarem pequenos prazeres: ter a varanda para fumar um cigarro, como dizem os fumantes: *“o último cigarrinho do dia, a última palhinha, a boquinha do pito”*, conversar com o colega, assistir à TV. Para as

mulheres assistir às novelas é uma atividade que traz alento, pois muitas delas nos confidenciaram gostar de reviver o passado na tela, ao mesmo tempo que lhes possibilitava compartilhar experiências:

“ Sabe é muito bom ficar aqui sonhando, quando eu morava lá na roça eu nem sabia o que era TV, só depois de mocinha que vim para a cidade é que vim conhecer. Nossa!... e eu gostava muito, sabe, principalmente das novelas de amor, hoje para mim é um dos melhores passatempo que tenho, a gente vai assistindo, conversando, rindo...”(Dona Rosaura, 74 anos)

Observamos que começou a haver mais convivência entre eles quando começaram a trocar experiências no grupo, depois que romperam com a apatia, com a solidão, a reclusão, as lamúrias que tomavam espaço. Apesar de muitos se agredirem, se isolarem, há cumplicidade, aproximação e solidariedade nos casos de doenças, invalidez, limitações. Muitos dos idosos, ao fazermos a roda para as nossas atividades, chegavam com o colega, arrastando-o, segurando a cadeira para aquele que não podia carregar peso, empurrando a cadeira de rodas e fazendo brincadeiras, gracinhas para o colega. As debilidades que a idade trouxe adquiriam novas nuances:

Dona Mazinha, 84 anos: *“Esses carros de hoje (cadeira de rodas), são melhores que os fordinhos (cadeira de madeira) da nossa época, não é mesmo?”(rindo).*

Vimos que a partir dessa convivência, esses sujeitos começaram a recuperar suas identidades, suas singularidades no seio da homogenização do tratamento institucional. Muitos acatavam os apelidos que lhes foram dados na infância, como **Dona Mazinha, Tita, Tuca, Joaquim da Escaramuça.**

As festas e os preparativos para as mesmas que realizamos eram compartilhados com alegria, pois ao fazer as bandeirinhas, riam, falavam ao mesmo tempo, questionavam, discutiam sobre as cores, desenrolavam barbante brincando com o colega, amarrando suas mãos. Ao fazer a pipoca, lembravam-se de uma “musiquinha” da infância: **“rebenta pipoca, maria sororoca”**, e a satisfação e o riso dissipavam a apatia, o alheamento, a solidão.

Segundo Castro (1999, p.31), Wittgenstein, para evidenciar o uso da linguagem, recorreu ao caráter do jogo. As palavras servem para designar os objetos e as frases são encadeamentos das designações utilizadas: *“Mas não só as crianças jogam com a linguagem, os adultos também, em virtude das designações das coisas que devem ser sempre buscadas no uso corrente das palavras.”* Este jogo de linguagem pode ser observado na retomada dos apelidos de infância pelos velhos e na criação de outros, atuais.

Além das dinâmicas de grupo, as entrevistas, conversas individuais com os idosos representaram um aspecto de contato e intercâmbio social importante. Nas conversas a respeito de suas histórias de vida os homens eram mais contidos que as mulheres ao relatar sobre si mesmos. Muitos saíram para trabalhar, para morar fora de casa, casar, ir embora com a família dos patrões; eles contam que este processo ocorria por volta dos 13/14 anos de idade, tanto para os meninos quanto para as meninas. Relatam também como trabalhavam e, como, na fala de seus pais, nessa idade, já estavam aptos tanto para trabalhar, como para constituir família, ter seu próprio negócio.

Nas entrevistas as lembranças das atividades laboriais, escolares que haviam exercido, assim como também o ambiente em que estas se realizaram começaram a aflorar:

Dona Amélia, 73 anos: *“Uai, o que eu fazia lá na roça, eu trabalhava na roça, a gente capinava, a gente conversava do trabalho de carpir, apanhar, limpar, era um trabalhinho danadinho, às vezes a gente falava se estava com calor, se estava com sede, todo mundo lá era amigo, a gente dividia as comidas, se acabava a água do tonel (tonelzinho) um dava para o outro... e hoje aqui na Vila eu faço isso, todo mundo que vai na minha cozinha eu converso enquanto trabalho, ofereço um cafezinho coado na hora, eu tenho o meu pó de café que moo aqui mesmo.”*

Sr. Joaquim Medeiros, 74 anos: *“Na escola da minha época, quando eu fui professor as pessoas se relacionavam com a gente com muito respeito, na classe todos me tratavam por professor Joaquim, sabe, eu gostava muito de ensinar, eu tinha paciência com todo mundo... Eles iam aprendendo devagarzinho, a gente tinha que ter muita paciência com eles, tinha uns colegas que tinha muitas dificuldades, então eu comecei a ensinar para eles bem devagarinho, eles aprenderam primeiro a fazer cópia, depois fui ensinando as letras, para uns só de saber escrever o nome já estava bom, tinha uns que já queriam escrever o nome e a contar, né, muitos gostavam de saber quanto que estavam recebendo, foi muito boa a vida na escola. Ih!.. tive muitos alunos que hoje são meus cumpadres, cumadres, foi muito bom.”*

Sr. Florípedes, 63 anos: *“...quando eu era criança eu também ajudava as pessoas, fui voluntário muitos anos, ajudava muito a minha mãe, o meu pai, a gente era muito unido, meu pai levava a gente para brincar no campo e brincava junto, minha mãe trabalhava muito. Na casa do meu patrão já fui até pajem das crianças, viajava junto com as crianças. Hoje eu ainda gosto de ajudar as pessoas aqui na vila, carrego um para baixo, para cima, pego no colo, dou a mão, troco se precisar, dou banho, levo até o banco, levo na varanda, dou comida, dou água. Trabalhar faz bem para a alma”.*

Nas dinâmicas de grupo os participantes comentavam seus afazeres no campo e eles iam nos mostrando como eram feitas as atividades:

“Preparávamos a terra para o plantio, plantávamos fazendo os buraquinhos, cuidávamos da plantação (alguns falaram do milho, outros do café, arroz, feijão, abóbora, batata) colhíamos e armazenávamos para o consumo conforme a

necessidade. Alguns tinham seus próprios “negócios” (sítios, roças), outros plantavam para os patrões.

Sr. José Custódio, 84 anos: “Eu também tinha a função de campiar (procurar) o gado que desaparecia do conjunto. Além de pião, eu também era retireiro, uma vez eu machuquei minha mão, um dedo da mão direita de tanta força que nós tinha que usar nesse trabalho, mas era divertido, a gente ria ou ficava furioso quando o bichinho conseguia desamarrar o laço. E eu também tinha outra função lá na fazenda, eu era sempre o escolhido para acompanhar as filhas do Sr. Gabriel, para andar a cavalo ou fazer visitas a parentes em outras fazendas.”

O Sr. Florípedes relembra o tempo da guerra:

“...cantar o nosso hino na terra de estrangeiros para falar do ‘Nosso Brasil’, da nossa gente amada e sofrida da pátria amada Brasil, foi uma emoção muito grande, eu tinha os meus vinte e poucos anos de idade e já estava cumprindo o meu dever cívico. Nossa! foi uma emoção muito grande estar naquela terra de estrangeiros, cantando numa língua diferente!”

Cada um desses sujeitos, em suas entrevistas e nas rodas, ilustrou de uma forma bem acentuada como suas lembranças evocavam cheiro, feições, cores, emoções e ajudavam a recuperar o tecido da sua identidade, o seu valor pelo trabalho, pelo dever, pelo prazer, pela gratuidade dos sentimentos, reafirmando sua inserção social numa vida de atividades anteriores. Sublinhavam a diferença de contextos entre o antes e o agora, as mudanças ocorridas ao longo dos anos, ao fazê-lo iam se assegurando da importância das atividades que realizaram, das amizades adquiridas, de que foram reconhecidos.

E assim, as dimensões das histórias destes sujeitos foram crescendo, aparecendo, afluindo. Para eles as “danças de hoje” são diferentes, mas continuam a dançar do seu jeito, à maneira usada na sua juventude. Nas festas tiram o chapéu com uma vênica ao retirar uma dama para dançar.

A respeito dos namoros relatam: *“...os namoros ainda tem que fazer a corte, tem que conhecer a dama, conversar e saber se ela gostou do sujeito mesmo”*. Quanto aos modos de envolvimento afetivos: *“só quando são jovens tem paixão, para a pessoa velha é o carinho e o respeito.”*

Sr. Luís Custódio: *“Eu conversava com elas, fazia a corte para as mais bonitas, olhava assim admirando e depois ia filar uma prosinha como quem não queria nada.”*

Sr. Gilson Pereira: *“Às vezes namorava sério, ia passear em volta da Igreja, conversava, ia na missa, dependia do interesse.”*

Esses idosos começaram a fazer questão da presença do estagiário, sabiam a escala de horário dos grupos de estagiário: os que iam às segundas-feiras, às quartas-feiras e assim sucessivamente. Dona **Maria Aurora, 76 anos**, falou para uma estagiária: *“Esta semana eu não sei o que aconteceu, mas ninguém veio aqui no meu quarto para conversar comigo, e tem dias que eu estou muito precisada.”*

Apesar de incentivar o relato verbal das experiências, os estagiários tentavam ser atenciosos também com aqueles que, em função de alguma deficiência, não conseguiam se comunicar com os demais. **Tuca**, deficiente auditiva, assim que chegávamos à Vila, ela vinha correndo e comunicava, com gestos e sinais, os acontecimentos da semana. Ela falava com dificuldade, mas aprendemos a entendê-la e também a comunicarmos com ela.

Escutar as memórias destes sujeitos e mostrar como as dimensões lúdicas vão emergindo, seja nas brincadeiras e atividades atuais, seja através das

narrativas, é o fio condutor dos trabalhos desenvolvidos na Vila, tanto nas dinâmicas, quanto nos trabalhos de atendimentos individuais.

Segundo Castro (1999) a atividade lúdica, pode ser uma das manifestações e expressões do desejo humano, e é este desejo que move o mundo e leva à produção: do conhecimento, da arte, do trabalho criativo, ou do simples prazer.

O **Sr. Joaquim Medeiros, 74 anos**, numa dinâmica sobre as festas populares, narrou-nos sobre alguns detalhes da 'história do Congo'⁴:

“a roda que se fazia para o ritual da festa, era a dança preparada para os escravos fugirem, e os patrões ficavam envolvidos com este ritual e não tomavam conhecimento da fuga (...) que essas estórias seus pais escravos que vivia em cativoiro contavam aos filhos, que depois as contavam aos mais novos e cada vez mais esses relatos iam crescendo, aumentando.”

Sr. Florípedes: *“O carnaval eu também gostei de apreciar, no Rio era bonito demais, era de encher os olhos de tanta beleza.”*

Alguns nos relataram a respeito da roça, das pequenas cidades do interior de Minas, conhecidas como “cidades do povo”, com suas festas, suas tradições, sua cultura própria, seu regionalismo, suas interpretações: **Dona Rosaura:** *“Mas tinha umas músicas que tocava nas festinhas da roça que eu escutava e tava lá o Mané na minha cabeça, no meu coração, na minha vida.”*

Neste estabelecimento habitado por sujeitos velhos procuramos, por meio deste trabalho prático, possibilitar-lhes um manejo da

⁴ Congo : Bailado popular dramático em que os negros representam, entre cantos e danças, a coroação de um rei congo.

própria vida cotidiana, compartilhada com os outros naquele espaço, seja através do incentivo da convivência, da execução de um trabalho, seja através das recordações de suas histórias.

As atividades de lazer e de obrigação inseridas na vida cotidiana desses sujeitos através das dinâmicas, das brincadeiras, do próprio trabalho, das narrativas sobre o passado, são suficientes para resignificar suas vidas? É possível redimensionar a memória, a própria história, valorizando a cada um desses sujeitos em sua dignidade, em seu despojamento de contar, de reviver?

Acreditamos que havia a possibilidade, através das tarefas que propusemos e realizamos, que esses sujeitos teriam condições de melhorar suas qualidades de vida, mesmo que de maneira parcial. A esta provável melhora creditamos um aspecto de redimensionamento subjetivo, uma função reabilitadora.

2 - Função reabilitadora -

Segundo Novaes (1999), as psicoterapias recomendadas aos idosos devem ter ações e atitudes ditas psicoterápicas, além de nelas estarem implícitas atividades que se inserem na dimensão psicológica.

No começo de nosso trabalho fizemos um estudo sobre quem são esses idosos, nossa finalidade era obter maiores informações sobre a vida pregressa destes sujeitos velhos, suas relações familiares, suas funções cognitivas, seu estado afetivo, sua sociabilidade, enfim, suas condições físicas, psicológicas e sociais, para

que pudéssemos começar um trabalho grupal e individual, tentando criar, manter, elevar a auto-estima desses velhos.

Após a realizar as entrevistas, ao iniciar as atividades escolhidas por eles, optamos inicialmente por trabalhar com dinâmica de grupo com adesão espontânea.

Inicialmente, nas dinâmicas - “rodas”- observamos que os conteúdos das suas falas estavam voltados principalmente para as queixas, como **dor de cabeça, dor no olho, nas pernas**. À medida que realizávamos atividades, cujos temas eram sugeridos por eles, essas queixas foram sendo substituídas por comentários a respeito das pintura, desenhos, colagens, evocações, narrativas e comentários a respeito de experiências passadas. Objetivávamos um espaço que permitisse a eles expressarem os sentimentos, contarem a respeito de suas experiências, procurávamos também conhecer um pouco de suas histórias, criar oportunidade de convivência, lazer.

Deixamos que eles buscassem se identificar em **um fazer**, nas práticas de suas convivências, de seu saber, de suas memórias, das lembranças que iam recordando ao participar das atividades propostas. Depois procurávamos propor atividades de cada semana segundo as demandas que eles, explícita ou implicitamente faziam.

Após algum tempo, pela convivência, pela proximidade, observamos que o trabalho grupal junto a eles ganhou espaço e também cresceu-lhes a confiança, gradativamente adquirida na supervisora e nos estagiários.

Na operacionalização das práticas, apresentou-se uma resistência devido ao comodismo que neles havia se instalado durante anos. Estes idosos recebiam visitas apenas dos familiares e do profissional médico, por isso o aparecimento das queixas somáticas, pois durante um bom tempo, viveram com paliativos, acreditando melhorar com placebos em cápsulas, com a famosa água com açúcar, chás , etc.

Neste contexto vimos a importância do trabalho, seu efeito terapêutico, pois estes sujeitos idosos foram readquirindo a auto-estima, a confiança, a partir do momento em que começaram a interagir e a trocar experiências entre eles em seu cotidiano.

Nas rodas, os homens mostravam entre si uma mesma linguagem, quando iam relatar sobre suas atividades na “panha”⁵ de café, no campo. As mulheres já não se continham em relatar sobre a vida em família, a viuvez, os filhos, as atividades de cozinha e de costura. Neste espaço de trocas, começamos com o estímulo às práticas artesanais, aderidas a princípio por um grupo pequeno. Vimos no decorrer do trabalho, devido ao aumento e crescimento no número de participantes no grupo, a necessidade de um local para que os idosos pudessem se reunir, expressar, contar suas histórias, reviver a vida do trabalho.

Um dos participantes do grupo, **Sr. Joaquim Medeiros, 74 anos**, nos contou sobre a escola de sua época, quando ele foi professor e como as pessoas se relacionavam com a escola:

“Sabe, eu gostava muito de ensinar, eu tinha paciência com todo mundo (...) quem queria aprender mesmo aprendia, os outros aprendia o que queria saber só,

⁵ Referência à colheita de café, trabalho sazonal, realizado no sul de Minas.

né...Era tudo misturado, criança começando, jovem e os mais velhos que queriam aprender a escrever.”

O conteúdo dos relatos foram se modificando, as queixas se transformando em “causos”, situações eram revividos e resignificados. Assim nasceu a **“roda terapêutica das quintas-feiras”**, que também chamamos de **‘Oficina da Palavra’**.

Semanalmente reuníamos a ala masculina e feminina no galpão masculino e realizávamos a roda. Sempre ouvindo sugestões que partiam deles mesmos, levávamos um tema ou atividade que queriam discutir e finalizávamos com uma oficina, ou com uma proposta de dinâmica para que expressassem seus sentimentos.

A princípio estas propostas contrariavam algumas normas do estabelecimento, pois jamais seria permitido que os idosos masculinos e femininos circulassem entre as alas, mantivessem conversas, se tocassem e fossem tocados, dançassem, assistissem à TV juntos, ouvissem música. Na comunicação entre homens e mulheres existiam regras de separação que eram observadas pelas irmãs de caridade, e que eram atribuídas aos Vicentinos⁶.

Os estagiários se dispuseram a compreender a dinâmica do envelhecimento, suas causas e efeitos, o que deu oportunidade aos alunos de 3º e 4º ano de Psicologia de trabalhar com atendimentos individuais. Alguns idosos começaram

⁶ Vicentinos : No trabalho caritativo, o vicentino procura conhecer a origem dos problemas que afligem seus assistidos, a fim de buscar a solução que conduza à promoção humana destes, evitando o paternalismo que possa entreter a miséria.

a demandar um espaço individual junto ao estagiário para se expressar, para um maior aprofundamento de suas questões como sexualidade, o próprio processo de envelhecimento, proibições, regras, namoro, espaço físico.

Inicialmente, quando surgiu a demanda para os atendimentos individuais, tivemos dificuldades em encontrar um espaço para esse tipo de trabalho. Havia somente uma salinha para o profissional médico, com uma cadeira, um armário com alguns remédios e um aparelho para medir pressão arterial. As Irmãs ora nos cediam a sala, ora não, o que dificultava o trabalho. Quando perceberam que os idosos iam melhorando em relação às suas queixas, tornando-se mais independentes, mais sociáveis em seu ambiente, resgatando suas potencialidades, se solidarizaram com o trabalho, pediam aos estagiários horário para conversar e assim abriu-se espaço para que também os funcionários pudessem participar de sessões individuais e conseguimos adequar a salinha para atendê-los e marcar o espaço do trabalho da Psicologia Social Comunitária-Terceira Idade.

Nas supervisões (espaço de discussão teórica, da condução dos casos clínicos, e orientação das atividades da roda) optamos por atender os sujeitos em aconselhamento, determinando 10 sessões para cada idoso ou funcionário, através de leituras e suporte da supervisora.

O trabalho prático de estágio sempre tem a presença da supervisora junto à equipe de estagiários e nosso trabalho tem como atividades: supervisões quinzenais, dinâmicas realizadas, festividades e passeios, acompanhamento psicológico

individual e grupal, orientação aos familiares e funcionários, quando solicitados, e às próprias Irmãs.

Com relação aos idosos, temos hoje um pequeno grupo que mantém a roda terapêutica, um grupo que se identifica com escutar música, dançar e conversar no sofá, e outro grupo que gosta de andar pela vila, não tendo um lugar fixo: pomar, sala de estar, ala masculina, varanda, horta de verduras ou o canteiro de flores. Este é um pequeno grupo de senhores que se identificam com quatro estagiárias, sendo que duas destas estagiárias do 3º ano fazem o aconselhamento psicológico de alguns.

Apesar de muitas questões levantadas por eles serem polêmicas e diversificadas, tanto os estagiários quanto a supervisora têm o papel de facilitadores de suas discussões, levando até eles o respeito à diversidade de opiniões e valores, sem ditar normas ou condutas.

Vimos que a partir do trabalho tanto grupal como individual muitos idosos, homens e mulheres, tornaram-se menos deprimidos, menos dependentes, mais seguros emocionalmente em suas queixas familiares e institucionais.

É importante salientar que o trabalho grupal tem um peso maior em relação aos trabalhos individuais, pois foi importante para esses idosos o conviver com o outro, o falar e escutar, o tocar e ser tocado, as brincadeiras preservadas em suas lembranças, o identificar-se uns com os outros em virtude da descoberta de vivências comuns em seus aspectos culturais, histórias de vida. Tentávamos promover ou conservar um aspecto lúdico nestas atividades.

Todavia, podemos questionar: onde é possível encontrar espaços para reabilitá-los, se é uma instituição asilar que os abriga? De acordo com Novaes (1999), faz-se necessário ampliar o conhecimento do processo de integração da terceira idade, a fim de ajudar os idosos na reconstrução de sua vida diária, no conhecimento psicológico, enfrentando os mitos do envelhecimento, os sentimentos de solidão e de estranheza através da autonomia e da auto-confiança reconquistadas.

O trabalho hoje é chamado de **“O Resgate do lúdico do velho mineiro”**, e objetiva resgatar o **fazer** destes velhos que têm condições físicas e psicológicas, que participaram das festas de sua época e participam das festas atuais, que relatam os “causos” de outrora. Em síntese, podemos mostrar que a memória resgatada de maneira lúdica- como trabalho- pode melhorar a qualidade de vida do velho, seu potencial biopsicossocial e reintegrar o idoso que perdeu parcialmente sua sociabilidade em consequência dos anos de isolamento que passou ou das perdas que sofreu, na medida em que foi envelhecendo, que se aposentou e perdeu seu espaço produtivo, e que se deteriorou a sua afetividade.⁷

A reabilitação se encontra exatamente na reintegração social desses sujeitos? Para Iwanowicz (1997), o meio vai mudando de acordo com as relações, o papel e a participação do ser humano no sistema social. Oliveira (1997, p.113) nos fala de uma crença ingênua, talvez, será que nós podemos resgatar o humano, tão massacrado no interior de nós mesmos? E consequentemente ele nos instiga a pensar: *“enquanto houver alguma esperança no humanismo, teremos como meios e fins as*

⁷ De acordo com os trabalhos psicoterapêuticos, individual e grupal, que vimos desenvolvendo, visamos sempre um trabalho lúdico, através da linguagem e do comportamento dos sujeitos velhos.

relações sociais”. Observamos que atenção, carinho e respeito foram ingredientes fundamentais para o engajamento e sustentação do nosso trabalho na Vila: “o fato de ter me aproximado de forma atenta, foi a essência necessária para que abrissem caminhos para as conversas, os trabalhos manuais, de atendimentos.”⁸

Com o fortalecimento e a confiança destes sujeitos em relação ao trabalho desenvolvido, vimos que sua auto-estima foi favorecida quando ouvidos em suas memórias, em dinâmicas que reviveram aspectos de suas vidas. Confrontá-los com suas queixas em relação ao incômodo da instituição, da família, de si mesmos é reconstruir suas identidades muitas vezes perdidas no esmorecimento da solidão, da falta de atividades, da condição de alheamento em que se encontravam.

Dona Amélia, 74 anos: *“quando vou levar o café lá fora se o dia está muito quente eu digo para as mais velhas que elas têm que tomar mais líquido, mais água, chá, a gente tem cuidados, por isso elas gostam muito de mim.”*

Dona Mazinha, 84 anos: *“as pessoas que estão aqui, tem algumas alheias aos acontecimentos, outras vivem cochilando mas prestam atenção em tudo, a **Mina** e a **Téia** vivem conversando e fumando, quando chega alguém com o nome parecido logo na vila eles dão um jeito de por um apelido, tem a **Tita**, a **Titinha**, a **Maria Marechal**, **Mariinha**, **Nida**, **Nida Branca**... ‘lá em casa também a gente punha apelido, a **Catarina** era **Inha**, eu era a **Mazinha**, o **Mário** era **Mário** mesmo, o **Sílvio** o povo chamava ele de **Silvinho**, e a **Fátima** era **Fatinha**.’ Lá em casa a gente era muito unido, a gente brincava, brigava tudo em família, eu sinto muita falta da minha família, dos meus amigos, com o tempo eu fui fazendo muita amizade nas cidades que eu morei, hoje eu nem sei se eles sabem se estou viva ou morta, mas o povo aqui já é minha família faz tempo. Na nossa vida tem uma hora que as pessoas lembra e não consegue esquecer mais.”*

3 – O lúdico e a formação de grupos -

⁸ Depoimento da estagiária Alexsandra Elias no desenvolvimento dos trabalhos grupais e no auxílio da pesquisa ao me ajudar na triagem das entrevistas

Segundo Bleger (1987, p.87)

“um grupo é uma entidade resultante da possibilidade de se vincular pelo social, pelo relacionamento, pela organização, pela comunicação permanente, por todos esses movimentos que o indivíduo é – sempre em primeira instância – grupo.”

Ao iniciarmos os trabalhos em grupo, junto aos idosos, procuramos fundamentá-lo teoricamente. Optamos por seguir Bleger (1987), que tenta fundamentar a intervenção psicológica com grupos, cujas atividades ele apresenta como um *“trabalho em comum, pautado por regras e normas (aspectos institucionalizados do grupo)”*; enfatizando que deve-se estar atento às manifestações da natureza dos *“vínculos expressos entre os participantes e as tarefas na anulação de limites e diferenças tendênciais (identidade grupal sincrética).”*

Quanto ao vínculo criado entre os participantes de um grupo, aquilo que permite que um certo número de pessoas possa ser considerado um grupo, este diz respeito ao tipo de relação que se estabelece no interior do grupo. Assim, para que um número de pessoas possa ser chamado de grupo, faz-se necessário relações entre estas pessoas, e essas relações tem que ter algo em *“comum”*, esse comum é que perpassa e *“amarra as relações.”*(Guareschi,1996, p.85).

No início das nossas atividades, muitos hesitaram em aderir ao grupo, suas respostas muitas vezes eram lacônicas, alguns não nos respondiam, mas observamos que muitos ficavam ao redor e devagarzinho aproximavam-se. Alguns diziam que só queriam ficar *‘olhando’*, *‘minha vista está cansada’*, *‘não posso, porque eu tenho dor no braço’*.

Em nenhum momento qualquer idoso foi forçado a participar dos trabalhos. Deixamos que aderissem ao grupo espontaneamente e muitos foram encorajados pelos colegas que os convidavam a participar, comentavam que alguém sabia fazer tal coisa, pediam ajuda ao colega que estava de fora para segurar um material, ajudar a colar, manipular objetos.

Fizemos uma dinâmica com alguns sujeitos que quiseram participar da roda cujo tema foi “**O que é ser idoso?**”, as falas indicaram que eles identificavam a velhice com perdas de funções, decrepitude, impossibilidade de realizações, debilidade. Havia também aqueles que reconheciam a velhice como uma forma de estar no mundo, se posicionar diante das coisas e consigo mesmo. Esta última tendência revela um certo grau de implicação subjetiva, a crença de estar velho ou considerar-se velho está relacionado à posição do sujeito no mundo e diante da vida:

‘a pessoa idosa tem que se apegar a Deus’ (...) ‘a velhice chega quando se pensa que está velho’ (...) ‘não pensar na velhice da carne’ (...) ‘quando uma pessoas não tem mais nada para fazer é porque já está velha’ (...) ‘não tendo saúde a pessoa se sente velha’ (...) ‘ficar pensando que está velho fica velho.’

Surgiu então a outra pergunta na dinâmica: “ **O que se pode fazer para combater a velhice?**”

Dona Linda⁹, 74 anos: *“O caso beija– flor: eu colocava água com açúcar para muitos beija– flores, na parte de fora da Vila. Um dia apareceu um casal de beija– flor, sendo o macho muito forte. Ele não deixava os outros companheiros se aproximarem para tomar a água com açúcar, que eu colocava para eles. Esse macho espantava sempre, deixando somente a fêmea saciar a sede. Quando isso ocorria, os outros entravam para dentro da cozinha onde eu estava, sobrevoando*

⁹ Dona Linda, faleceu no dia 22 de setembro de 1997, deixando-nos grandes contribuições de suas experiências.

minha cabeça, e eu entendi a mensagem assim: 'eles estavam pedindo que a água fosse para todos', e o macho continuava sempre piando para a sua fêmea para beber a água, mas sempre ele era o primeiro a beber."

Nesta dinâmica a mensagem de **Dona Linda**, para os demais participantes foi: "a convivência é muito importante para a sobrevivência do homem, um homem sozinho envelhece muito mais rápido".

Sr. Januário, 75 anos: *"uma vez eu ouvi essa estória que prenderam um filhote de Sabiá em uma gaiola na roça que eu morava. A mãe desse Sabiá, livre voava por toda parte procurando encontrar comida para o filho; ela levava comida para o filho todos os dia, galhos, folhas, bichinhos. Um dia, levou veneno que estava numa planta e o filhote morreu. A mãe do Sabiá, sentia muita dor em ver o filho preso, ela não queria ver o filho preso, sem liberdade de ir e vir, então as pessoas contavam que ela preferiu matar o filho do que ver ele preso."*

Compreendemos sua mensagem nesta dinâmica como: "o que deixa o homem velho é a solidão, o abandono e o confinamento (ficar trancado nos disse ele)." Devemos ainda considerar a situação de asilamento institucionalizado em que estes idosos se encontram. A estória do beija-flor pode ser uma metáfora que revela a visão de **Sr. Januário** a respeito da sua situação asilar.

E o grupo composto pelos idosos, através das dinâmicas, foi reconhecendo e significando suas falas, seus sentimentos, a importância que a convivência e a vida comunitária representava para eles: 'viver em grupo é importante para o velho' (...) 'velhice não é doença, não se pode parar, sempre é bom ter uma atividade para fazer'. **Sr. Roque¹⁰, 83 anos:** *"trabalhar com a mente não envelhece; quem fica parado, sem ocupação, vai perdendo a memória e o sentido da vida."*

¹⁰ O Sr. Roque foi uma das grandes personalidades da Vila, nos ajudando e participando dos trabalhos de grupo. Ele faleceu em Dezembro de 1997.

Buscamos no nosso trabalho não só incentivar a atividade e a convivência-encaminhamento que seguimos a partir da expressão dos próprios idosos-, como também valorizar a troca de experiências vividas na juventude. Pensamos que assim eles poderiam redimensionar o passado, reconhecer que nas suas vidas ocorreram coisas, que eles construíram algo; e que este reconhecimento teria um caráter de valorização do passado que lhes permitiria uma auto-valorização atual.

Além disso, como já foi mencionado, a ênfase no aspecto prazer, satisfação, que associamos como característica do lúdico, consistia uma dimensão importante no norteamiento das nossas propostas de dinâmicas de grupo. Em função disto, associado com o conteúdo das falas que eles expressavam, procuramos sugerir dinâmicas de temas (já veiculados pela iniciativa deles) que lhes permitissem associar lembrança e prazer, como o prazer dos sentidos, por exemplo. Em uma roda(dinâmica de grupo) em que eles puderam desfrutar as lembranças do sentido do paladar- sabores rememorados. Realizamos, com dez participantes, a dinâmica **“A alimentação nos anos 20 no Sul de Minas”**¹¹: *“Pude perceber a saudade de uma boa alimentação, rica,*

¹¹ Dinâmica realizada pelos estagiários da turma 90/1, com a monitoria do aluno Lucas Carvalho Valadão, que acompanhou o estágio durante os quatro anos de sua graduação.

*saudável e em abundância.*¹²

Os idosos mencionaram vários pratos, comidas típicas do cotidiano da região: canjiquinha de farelo do milho, abobrinha batida com ovo e farinha, ou só a abobrinha batida, sopa de cebola ou virado de cebola, o curau de milho- alguns o faziam mais mole, outros o preferiam mais durinho-, a carne de porco e o torresmo- quando matavam o porco, muitos relataram que parecia que estavam pecando, morriam de dó do animal, mas tinham que matá-lo-, o feijão de corda, a fava, virado de batata- amassada na manteiga e depois assavam no forno-, paçoca de carne- com farinha, farinha de milho, o broto de palmeira, o frango no coqueiro- feito no fogo de chão, na panela de barro-, broto de samambaia, de bambu, de tábua, de gravatá do brejo, ou palmito do brejo, angu de sal, angu doce, rapadura, cuscuz e outros mais.

Prolongavam o assunto na explicação dos procedimentos utilizados na confecção dos pratos preparados por eles mesmos. Comentavam os “pratos de ocasião”, as circunstâncias em que eram preparados e servidos: torravam o milho e o colocavam na máquina que alguns tinham na roça; o arroz era servido vez ou outra, somente quando recebiam visitas; o curau era feito aos domingos e de preferência quando recebiam visitas, pois era um alimento que demandava horas para se fazer, assim como a pamonha, feita na época das férias quando chegavam à casa dos patrões os hóspedes, os filhos que estudavam fora e as visitas.

A alimentação que consumiam durante a semana de trabalho, entretanto, tinha que ser feita rapidamente, em um tempo mínimo, devido às várias

¹² Comentário realizado na supervisão e discussão do estágio, pelo estagiário Lucas Carvalho Valadão.

atividades a serem executadas durante a jornada de trabalho, que começava às 4 horas da manhã e se estendia por 12 horas corridas.

Esta dinâmica foi se transformando e crescendo, todos se entusiasmaram e queriam falar sobre a sua comida preferida: **Sr. Luís Custódio**: *“o curau era comida feita de milho verde ralado e reduzido a um mingau durinho, podendo até mesmo ser cortado;”* Dona **Mazinha** comenta do virado de cebola que era a alimentação da merenda- intervalo entre o almoço e o jantar, mais ou menos às 14 horas, para reforçar o seu sustento para a jornada de mais de 8 horas que tinham na época da colheita:

“era feito com o todo da cebola, era arrancada com a raiz, com as folhas, picada e cozida com farinha de milho e torresmo, muita gordura de porco, pedaços de carne e ovos na superfície, e o povo ficava mais forte e mais entusiasmado para trabalhar (...) nossa! Eu tenho muita saudade daquela época, a gente trabalhava muito, mas vivia muito também.”

Dona Mafalda, 89 anos: *“a paçoca de carne era feita de carne socada no pilão com farinha de milho, tinha que socar bastante para poder levar para a panela. A gente servia também como merenda para o povo que fazia trabalho pesado.”*

Sr. Nicolau, 80 anos (falecido): *“o cuscuz era feito de fubá de monjolo com um pouco de polvilho, rapadura e queijo cozido em banho maria, no bafo de água. O Cuscuzeiro era metade de uma cabaça, a gente colocava em uma panela com água fervendo. Mas só prá quando tinha visita e domingo, pois também tomava tempo para ser feito. “Minha mãe fazia mais na época do natal, das festividades, do aniversário de alguém.”*

O Sr. Joaquim Medeiros, 83 anos: *“o angu doce feito com fubá e rapadura era assim, ou seja, ferviam o fubá e punham a rapadura ralada, e tinha que mexer até derreter e virar uma calda, nós fazia isso muito para receber o povo da cidade, era um tempo muito bom.”*

De um modo geral todos do grupo relataram hábitos alimentares semelhantes:

“quando nós levantávamos, nós não alimentávamos, íamos direto aos pequenos afazeres ao redor da casa e o almoço era servido por volta de 9 horas e às 12 ou 13 horas era servida a merenda. Além da plantação que a gente cuidava, tinha os animais de todos os portes, de pequeno a grande, para o consumo, galinha, marreco, pato, peru, angola, garnizé (...) a merenda e o almoço, comiam com a mão, com uma colher de pau, que nós fazia (...) a madeira de hoje não é tão boa para a confecção do material (...) a gente usava o ‘carobão ou a maminha de porca’ para fazer colher, pois era macia, facilitava o trabalho.”

Esta dinâmica teve o objetivo de levá-los a resgatar as lembranças de comidas e doces de sua época, e se fez em uma oficina chá de erva cidreira com pão doce, procurando conscientizá-los de que hoje, o momento em que vivem, não possuem um organismo forte com defesas orgânicas para combater a gordura em excesso, e que necessitam controlar o que consomem e evitar alimentos que possam prejudicar-lhes a saúde, pois não possuem mais a disposição do passado, nem seus corpos são como foram antes. E o fechamento desta dinâmica foi a conclusão de que “a boa alimentação é a chave para o prolongamento saudável de um corpo”.¹³

Com essa dinâmica realizada junto aos idosos, observamos também o elemento lúdico aflorando no relatar das atividades vividas por eles, o estímulo em nos ensinar, em nos informar sobre as comidas, sobre os objetos que já não fabricam mais, sua especificidade, o seu funcionamento.

Pensamos assim no lúdico como possibilidade de integração social. A socialização do grupo, o prazer da convivência, o domínio do conhecimento ignorado pela juventude dos

¹³ Dinâmica de Grupo realizada pela supervisora e os estagiários na Semana do Idoso em 1996.

estagiários, a capacidade de prender a atenção do estagiário com a seus relatos, a certeza de que viveram bons momentos se reafirmando: aspectos lúdicos de atividades de práticas rememoradas?

No aconselhamento psicológico com D. **Mazinha**, observamos que ela sentiu-se mais gratificada por ter entrado em contato com sua história favoreceu a elevação de sua auto-estima. Fomos trabalhando com Dona **Mazinha**, para que ela fosse ao encontro de si mesma, contando sobre sua trajetória, como havia sido o seu tempo de mocidade, as festas, as celebrações e com isso ela foi nos apontando que de toda essa passagem de sua vida, lhe restou o asilo, como diz ela *“esse é o lugar que eu tenho para esticar as pernas, assistir à TV, descansar sem ser cobrada.”*

Tal depoimento desmancha a visão do asilo como confinamento segregador. Não estamos defendendo os estabelecimentos asilares, queremos, contudo, salientar que há possibilidade que um estabelecimento considerado com o fim de segregar, confinar, pode engendrar sociabilidade, convivência, trocas de experiências etc. Encontramos também aqueles que se queixavam de exílio de uma vida anterior.

Em sua narrativas, conversas, rememorações, até mesmo nas dúvidas, o que mais os afligia era a ausência dos familiares, dos patrões, pessoas que fizeram parte de suas histórias e que destinaram a muitos deles apenas a falta de reconhecimento, o abandono; as perdas que sofreram durante suas trajetórias e que hoje estão em suas memórias, com o reconstruir de si mesmos no trabalho que realizaram, as festas de que participaram, a família que constituíram.

Observamos que os homens se adaptam melhor à instituição, parecendo encontrar ali seu refúgio, adaptando-se melhor às normas, criando ali dentro, mais facilmente, sociabilidade. Já as mulheres, por serem mais barulhentas, mais questionadoras, mais difíceis de conviverem em grupo, têm suas peculiaridades, seus incômodos diante da Instituição, e suas memórias acendem mais para dizer das condições em que as mulheres viviam nos tempos passados, da opressão, das normas que se submeteram junto à família e junto aos maridos.

Embora enfatizássemos os aspectos lúdicos nas atividades, havia lugar para a manifestação da tristeza, do ressentimento, de sentimentos que dificilmente foram expressados, segundo Bosi (1987, p.344), *“É esse que ouvimos, represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória.”*

À medida que os conhecíamos, nossa orientação para a continuidade do trabalho era o diálogo, tendo como objetivo priorizar suas recordações positivas, introduzindo assim suas histórias no trabalho, na família, nas festas, nas atividades religiosas, proporcionando-lhes um circuito de lembranças agradáveis, especialmente aquelas relacionadas ao lúdico, ao lazer, na busca de acontecimentos que permitissem aos sujeitos que recordassem e que se reconhecessem em suas histórias, continuando a trabalhar em suas práticas artesanais e em suas lembranças também.

“a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conserva-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens – lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios.”(Bosi, 1987, p.15)

No espaço de discussões e avaliações da equipe de trabalho, os estagiários juntamente com a supervisora foram percebendo que *“além das necessidades de estar em contato com suas histórias, possuem também necessidades singulares de falar dos acontecimentos de sua vida cotidiana na vila, do grupo de amigos, das identificações, das percepções, fantasias, decepções, e de sintomas.”*¹⁴

Vimos no decorrer de nosso contato, de nossa convivência com estes sujeitos no trabalho desenvolvido, nas festividades, nos atendimentos que lhes eram proporcionados e na própria convivência de grupo, que estes sujeitos, quando falavam sobre suas histórias, de alguma forma iam aliviando o sofrimento. Pois, falando de suas lembranças, da própria história, traziam à tona a memória, nuances de saudades, de alegria, emoção, orgulho, carinho, lágrimas, suspiros, recordações da infância, mocidade, fase adulta (viuvez, separação, casamento, etc.), até suas realidades atuais e, inclusive, como muitos nos confessaram: *“aqui também a gente conta as histórias de pescador”*.

Apesar dos limites, pois não conseguimos chegar a todos, uma grande parte deles hoje convive socialmente, resgataram de novo a afetividade e os valores, retornaram as suas habilidades, reduziram a agressividade, integraram-se ao espaço em que convivem no cotidiano.

¹⁴ Fala de estagiário no grupo de discussão, em 1997.

“Trabalho da memória ”

*Como se fora a brincadeira de roda,
Memória.
Jogo do trabalho na dança das mãos,
Macia.
O suor dos corpos na canção da vida,
História.
O suor da vida no calor de irmãos,
Magia.
Como um animal que sabe da floresta,
Memória.
Redescobrir o sal que está na própria pele,
Macia.
Redescobrir o doce no lamber das línguas,
Macia.
Redescobrir o gosto e o sabor da festa
(Luís Gonzaga Jr.)*

1- A importância da memória -

Buscamos mostrar, através do contato e atividades com os idosos, em sua convivência, seu cotidiano, seu ambiente, nos grupos de trabalhos a um só tempo, a memória operosa e lúdica; de sujeitos que, durante um tempo de suas vidas, habitam uma instituição asilar, nos movendo a conhecer o trabalho da memória em seu **fazer** cotidiano. Não estamos, entretanto, afirmando que a memória está sempre relacionada ao ludismo. Podemos encontrar narrativas de lembranças penosas:

Dona Mazinha, 74 anos (nossa entrevistada, cantando): “Se esta rua fosse minha, eu mandava ladrilhar com pedrinhas de brilhantes para o meu amor passar.”(...) “esta música me fez lembrar dos sonhos que tive, a esperança de querer ter um amor, poder sonhar com este amor que eu acalentava.”(...) “Maringá, Maringá, para

haver felicidade é preciso que a saudade vá bater em outro lugar. Foi numa leva que acabou com a maringá...”(com lágrimas nos olhos) *“ora bom, ora mau”*.

Mas é através da narrativa que também podemos conservar nossa memória social, nossa história. A palavra memória indica “o fato da recordação, lembranças, reminiscências”, assim como também o ato de narrar, referir, relatar.” (Ferreira, 1996, p.126). A memória pode ser compreendida como um conjunto de funções psíquicas pelas quais o homem retém propriedades de conservar informações e inovar impressões ou informações do passado(Le Goff, 1990).

Halbwachs (1990, p.71) aponta que a memória tem a função de permitir que tenhamos acesso e a idéia do que foi o mundo antes de nós:

“...certamente que, através da memória, éramos colocados em contato diretamente com alguma de nossas antigas impressões, a lembrança se distinguiria, por definição, dessas idéias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma idéia do que foi o nosso passado.”

Ilustrando a citação de Halbwachs, encontramos relatos de costumes que não se vêem mais, ignorados até então pelos estagiários. Os sujeitos velhos transmitiram suas experiências, seus ‘causos’, envolvendo-se em suas histórias, em narrativas de coisas de seu tempo- tradições e acontecimentos. A grande maioria destes sujeitos é proveniente da zona rural, traz nas narrativas sobre o passado o trabalho como testemunho de suas vidas, no ir e vir do passado vivo em suas memórias reconstruídos no presente, para os estagiários:

(...) Joaquim Medeiros, 83 anos: *“Eu levava o povo na cidade para fazer compras de mês, ir à missa, para ir nas festas. Tudo era com o carro de boi, e o povo dizia: lá vem o ‘Joaquim da Escaramuça’, a... (Escaramuça?) ...é que no tempo do*

cativeiro, eles acabavam com os escravos assim, né, eles escaramuçavam o pedaço (capinavam, limpavam, matavam), aí ficou esse nome né, ficou para sempre, e o povo só conhece como Barra da Escaramuça. Isso foi assim, o povo mais velho, foi espalhando para o povo mais moço, e o povo mais moço vai espalhando...E foi assim, e a gente ia de lá para cá, fazia mudança de quem chegava e de quem ia embora, fazia as compras do patrão e trazia para a roça, levava o leite na cidade, tudo era com o carro de boi...o nome do boi era 'Maneiro', hoje ele está aposentado igual a eu.' Nas rodas, nossa de conversa, quando eu comecei a contar para as moças essas histórias elas riam até comigo! Diziam: sabe, seu. Joaquim, hoje em dia nem tem mais carro de boi, mas a gente acha bonito quando vê."

Dona Mazinha, 68 anos: *"...tinha a cavalgada, era um desfile de cavalos levando a Santa às 5 horas da manhã, tinha uma procissão que juntava quase a cidade inteira para ir. A gente ia com as velas na mão rezando, quando a minha mãe era viva, ela vinha da roça para a cidade, para participar junto com a gente. O povo se programava esperando essa festa. É muito bom a gente poder contar para os mais novos sobre as festas da época da gente, pelo menos ele ficam sabendo como era a nossa época, como não tive filhos, para contar eu conto para os estudantes, são todos tão bonzinhos."*

Dificuldades enfrentadas pelo cidadão comum, decorrentes de acontecimentos importantes na história do país vieram à tona. O período de infância e ou juventude dos idosos, décadas de 20 e 30 (Dona Mafalda e o Sr. Luís Custódio, por exemplo) e de 40 (Dona Mazinha, Sr. Gilson e Sr. Joaquim) coincidiram com épocas que não ofereciam oportunidades de empregos na cidade, principalmente para o trabalhador oriundo do meio rural. Período que conheceu duas guerras mundiais, a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, a Grande Depressão influenciando a economia de vários países, inclusive o Brasil; nossa industrialização (eixo São Paulo–Rio de Janeiro) ainda muito incipiente. Homens e mulheres se dedicavam ao trabalho na roça.

Sr. Luis Custódio: *"Para o homem na década de 20 e 30 ir para a cidade aqui em Minas, não havia vantagens. O melhor negócio era a roça, com todo seu trabalho duro, sacrificante. Casar. Constituir uma família..."*

UNICAMP

BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Para as mulheres havia uma outra alternativa: trabalhar na cidade com as patroas que muitas vezes mantinham não somente a casa na roça, mas também na cidade para as festas religiosas e para o estudo dos filhos. As moças da roça eram arregimentadas com mais facilidade pela 'educação', 'domesticação', eram dóceis, mais submissas às patroas. A relação empregador-empregado era diferente da atual:

Dona Marieta *proseando, depois no Domingo, a gente ia para a missa e depois dava umas voltinhas na praça, esses era os dias que eu gostava demais, nossa: "Quando eu trabalhava na casa daquela senhora lá em Itajubá, nos dias de sábado lá pela 6 horas da tarde, eu saía com ela, a gente ficava sentada no banco da praça, às vezes comia uma pipoca, um doce, às vezes chegava um conhecido dela e a gente ficava passear é muito bom."*

Pelos relatos, as mulheres trabalhavam bastante, numa época em que não havia nenhuma legislação para proteger as domésticas. *"As leis trabalhistas somente foram publicadas por Getúlio Vargas, em 1943, protegendo mais o trabalhador na indústria. Mas no interior, na prática, nem se sabia o que isso significava."*¹⁵

Em nossas observações, as mulheres vindas da roça faziam de tudo em suas 'novas famílias': cozinhar, lavar, passar, cuidar da casa, criar os filhos dos patrões; com isso aprendiam sobre o trabalho, sobre a vida e à partir daí namoravam, às vezes casavam e constituíam família.

D. Mafalda dos Anjos, 89 anos: *"o povo antigo, sabe, tinha várias empregadas, principalmente quem era dono de fazenda, trazia as moças da roça, como eu, para trabalhar na casa deles na cidade, então vinha uma só para cozinhar, a outra para*

¹⁵ Observações de um estagiário acerca dos depoimentos dos sujeitos estudados, em uma oficina realizada sobre o tema: 'trabalho'. Após as oficinas, este estagiário nos auxiliou em alguns momentos da pesquisa.

lavar e passar, uma para tomar conta das crianças, o povo antigo tinha muito desses costumes.”

Relatam acontecimentos de uma época em que o sujeito possuía menos autonomia para decidir sobre o próprio matrimônio. Em suas queixas, a família dificultava, uma irmã interferia, uma morte acontecia, uma mudança se efetuava, ora o próprio serviço as absorvia de tal modo que não havia tempo para o namoro, para as festividades, para a escolha do parceiro.

Queremos salientar que o velho, visto socialmente como peso morto, alvo de segregação, através das narrativas, pode adquirir papel social, tornar-se ator social- guardião da estória do povo comum, aquela excluída da historiografia oficial. Muitos destes sujeitos que compõem nosso estudo já não habitam mais nesse espaço, deixaram-nos sua história para registrarmos, sua memória, suas lembranças.

2 – Velhos: guardiões da memória -

Através dos relatos dos velhos, todo um modo de vida cotidiana pode ser reconstituído, vimos os sujeitos entrevistados reconstruir para nós cenários, situações de suas vidas na infância, no trabalho, na família, nas práticas religiosas, nas brincadeiras, no lazer. Assim, os guardiões da memória (entendida como história, tradição, conservação de hábitos e costumes) cumprem sua função social de estabelecer a continuidade entre o passado e o presente. No exercício dessa função social, o velho pode sair da discriminação, do isolamento, do degrado do mundo competitivo e rápido do trabalho e, ainda e apesar disso, obter reconhecimento.

A reconstrução do passado que mencionamos acima foi possível na medida em que os velhos encontraram a disponibilidade e disposição da equipe, estagiários e professora, em escutá-los. Assim, esse trabalho de reconstituição envolve uma relação social, um grau de sociabilidade, de convivência:

“A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem.” (Halbwachs, 1990, p.14)

A função da narração pode ser compreendida como um fato social. Benjamin (1987, p.200), acredita que o narrador está em extinção em consequência da dificuldade de se trocar experiências. Bosi (1987) confirma que as formas de relações estabelecidas na sociedade atual, burocratizadas, tecnocrata, dificultam as trocas de experiências, a isto pode ser atribuída a “crise” na arte de contar histórias.

Oliveira (1999, p.62), nos leva a pensar que *“o suceder das visitas, observações e das entrevistas traz uma variedade de sensações diferenciadas que só mesmo o convívio humano, das relações face a face, é capaz de suscitar.”*

À medida que os idosos percebiam nosso interesse em compartilhar suas experiências, eles criavam expectativas quanto à nossa ida, se interessavam por nós, faziam também perguntas a respeito de suas vidas. Muitos ficavam à espreita do nosso chamado para conversarmos. Da mesma forma que iam nos contando suas histórias, suas lembranças, davam pausas às mesmas e nos pediam para falar de minha cidade de origem, de meus avós que eram italianos e que vieram para o Brasil de navio.

Para escutar estas memórias, buscamos aproximar-nos deste cotidiano da Vila. Todas as sextas-feiras; conforme o combinado, chegávamos com

ouvidos atentos para escutar as palavras, para reconhecer os gestos, os olhares, o silêncio, o desprendimento dos sujeitos, sem impor qualquer situação, para que não ficassem constrangidos e para que pudessem falar espontaneamente, ao mesmo tempo alerta aos detalhes: *“...uma saída é aprimorar a capacidade de observar, de aprender a escutar e a enxergar com mentalidade alargada”* (Oliveira, 1999, p.61).

Muitas vezes saíamos do lugar de ouvintes para sentarmos o lugar de relatores, para trocarmos experiências de nossas lembranças, recordações, de tudo o que se fazia presente em nossa memória. Intensificamos os momentos pelas conversas, ‘causos’, às vezes pelo prazer da convivência, nossos encontros assumindo um caráter lúdico.

Há uma diferença entre narrativa escrita e oral, entre a história que escutamos ou que lemos e a história que vivemos. Para Halbwachs (1990, p.71) a história vivida apoia o pensamento e o reencontro dessas imagens na lembrança.

“É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado.”

Na memória escrita, entretanto, perdemos a possibilidade de sociabilidade, de convivência imediata que a memória da narrativa oral proporciona. A escrita é uma rua de mão única, ali somos público¹⁶, ao passo que na narrativa oral podemos ocupar o lugar de interlocutores, transitamos por uma via de mão dupla.

Bosi (1987, p.28) nos adverte que *“a função da memória é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele.”*

¹⁶ Público no sentido usado por Guarescchi

Sr. Pedrinho, 63 anos: *“Minha avó fazia doce para vender para fora também, era doce cristalizado e em calda, tinha de casca de laranja, mamão, goiaba, figo, doce de leite puro e com amendoim, eu gostava mais do de amendoim, a goiabada cascão era feita da goiaba com casca, eu ajudava a minha avó e ia experimentando se estava muito doce, pouco doce, tinha uns fregueses que eram doentes não podia comer açúcar; então, era as entregas especiais, eu ganhava umas gorjas, eu juntava porque abriu um cinema e eu ia no domingo à tarde na matinê ver os filmes de mocinho e bandido...eu fui menino muito esperto, sabe, minha avó viu que eu tinha futuro.”*

Assim podemos pensar que várias circunstâncias poderiam estar associadas, factualmente ao trabalho da avó do Sr. Pedrinho, mas tivemos acesso e podemos até criar um quadro imagético do seu relato, apenas dos elementos que ele escolheu narrar e às associações por ele estabelecidas, como avó-doces-sua ajuda-gorja-menino assistindo filme de bandido e de mocinho-menino esperto. Não ignoramos que há autores que propõem um trabalho arqueológico reconstrutivo a partir de relatos, como Freud, por exemplo, mas não é este nosso intento, não objetivamos o implícito e o inconsciente, mas apenas uma possibilidade de representação (consciente). Assim sendo, percebemos que a função do velho como guardião da memória possibilita àqueles que não tiveram suas experiências, a oportunidade de compartilhá-las com eles. Da forma como ele escolhe apresentá-las.

D. Mafalda, 89 anos: *“(...)famos nas missas de domingo, eu me lembro que eu tinha um vestido azul claro de seda, o sapato e a meia branca, da irmã era cor de rosa, com a meia branca e da outra irmã era amarelo com as meias brancas, era tudo do mesmo jeito as nossas roupas, a gente ia tudo com roupa combinadinha.”*

Dona Mafalda, por exemplo, ao comentar sua prática religiosa, salienta aspectos paralelos, uma prática religiosa em que uma indumentária especial (*roupa de vê Deus*) era usada (vestido, meia, sapato). Ela enriquece a informação

acrescentando cores, materiais, texturas (azul, cor de rosa, branco, seda), além de mencionar um costume de se vestirem irmãs, irmãos com roupas iguais ou emparelhadas (*roupa combinadinha*).

Atualmente, não se usa mais esse hábito de vestir as crianças de maneira igual, hoje as crianças gostam de escolher a cor da roupa, do sapato, do tênis; não temos mais as músicas de “seresta”, “serenata”, “música romântica” no cotidiano. São tendências musicais com as quais ainda temos contato em espaços específicos reservados para elas, como “bailes da saudade”, *shows*, o disco vinil e em seguida o disco a *laser*; e temos a nossa memória, com as histórias contadas por nossos avós, nossos pais e por esses sujeitos velhos.

Nem tudo, entretanto, pode ser visto como ruptura de hábitos, tampouco a função de guardião da memória se restringe à transmissão de representações, para se fazer conhecer um passado não experienciado pelos mais jovens. Halbwachs (1990), além de enfatizar o aspecto de que nossa memória tem de transmitir uma evocação, para que as lembranças possam ser fixadas, conservadas em um sentido espontâneo, ele salienta o caráter afetivo de que a memória é tecida, reconstruída pelas imagens, pelas formas de representação, afetividade, chamando a atenção para o prazer estético que a evocação pode proporcionar.

Bosi (1987, p.32) aponta uma outra função do velho relacionada à memória, a sua contribuição no papel de aculturação e manutenção da vida social:

“Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e

esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com entre entre de modo constitutivo no presente.”(p.32)

Nesse sentido, o presente, embora pouco nos demos conta, está, não só constituído de um empuxo para o futuro, mas também daquilo que é legado do passado, dos nossos ancestrais. Em sua entrevista, **Dona Mafalda** nos falou das músicas de sua época que serviam para as crianças dormirem e dar sossego, e que continuam nos dias atuais, a acalantar os bebês:

“...eu cantava o ‘Boi da cara preta’, ‘Teresinha de Jesus’, ‘Glória ao Pai’ (...) ‘Boi, boi, boi da cara preta, pega essa criança que tem medo de careta’, Teresinha de Jesus, deu a queda e foi ao chão, encontrou três cavaleiros. Todos três com um chapéu na mão, lá lá lá lá.”

Encontramos hábitos que não se desfizeram com o tempo, os diferenciais se apoiando em ligeiras mudanças de cenário, condições econômicas, *status* social:

Sr. Joaquim Medeiros: *“Lá na roça no fim de tarde, muitos de nós ia para a vendinha que tinha lá do Sr. Honorinho, muitos gostavam do truco, outros já gostavam de um traguinho e de uma boa prosa, eu gostava muito de jogar dominó com alguns colegas e a gente dia de sábado, jogava no tutú (dinheiro), porque era o dia de nosso pagamento.”*

Sr. Miguel: *“ Quando eu fui casado, o povo da família da minha mulher, gostava muito de se reunir nos domingos. A gente ia para lá e passava o Domingo a família toda, e eles tinham uma veia de italiano, não faltava a macarronada e o frango, e olha que a minha sogra para isso ela tinha uma mão para o frango que não ficava a raspa da panela. Quando faz frango aqui eu me recordo muito dessa passagem, o daqui é bom também.”*

As narrativas de atividades de lazer da juventude desses velhos não se diferenciam de muitas atividades de lazer atuais. Encontramos famílias que se encontram para a macarronada e o frango do almoço dos domingos, a reunião de homens em bares para um trago e jogos. Embora haja a novidade de jogos eletrônicos, o jogo truco consiste numa prática viva, exemplos de processos de aculturação já mencionado, numa comprovação de que a lembrança pode manter hábitos culturais e *“impregnar representações”*(Bosi,1987,p.)

Algumas dessas impregnações podem ser observadas no interior da Vila, entre seus moradores, e ilustram o conceito de habitus, criado por Bourdieu (1983), para designar um sistema subjetivo- representações, mas não individual de esquemas comuns de percepções, concepções e de ações, que constituem a condição de objetivação. Tais representações fundamentam práticas sociais no seio de grupos específicos. Encontramos nos idosos moradores da Vila uma representação acerca da velhice e da situação de asilamento em que se encontram fortemente veiculada e que pode ser assim resumida: ‘a velhice é o tempo do descanso’, ‘estamos aqui para descansar.’

Sr. Miguel: *“Eu gosto daqui, eu não faço nada, porque as pernas não ajudam, não tenho nada para fazer além de poder conversar e jogar. A Irmã me disse que eu já trabalhei muito e que agora é o meu tempo de descanso, mas eu já trabalhei muito por essa vida afora, hoje eu fico aqui conversando com os meus companheiros, jogo um truco quando dá, com os estudantes que vem trabalhar com a gente.”*

Sr. Pedrinho: *“agora eu estou aqui no meu descanso esperando o descanso eterno. Eu gosto muito sim senhora, gosto quando eles vem aqui trabalhar com a gente, trazem música, fazem as festas, é uma maravilha só é igual do meu tempo mesmo, a gente trabalhava e depois ia farrear lá na ‘Beirinha’(povoado perto da fazenda).”*

Começamos a questionar acerca deste fenômeno e levantamos a hipótese de que eles poderiam, com este refrão, justificar ambas, a incapacidade corrente, em virtude de doenças e debilidades senis para a realização de algumas tarefas, e sua condição asilar. Reconhecemos também aí o papel de conforto imbuído de religiosidade (espera do descanso eterno, crença religiosa no pós-morte) que as irmãs desempenhavam, tentando não fazê-los se sentirem inúteis.

A nossa entrada na Vila, foi provocando, gradativamente, tendências para iniciativas de trabalho, de atividades, pelo menos para alguns dos moradores:

Dona Rosaura da Conceição: *“...o povo aqui gosta muito de mim. Aqui eu gosto de conversar com a turma, eu ajudo a varrer a ala das mulheres, passo pano nas mesas...eu agora gosto daqui também, as meninas me escutaram bastante e eu melhorei muito, e elas que me deram força para continuar a fazer os servicinhos igual eu fazia lá na minha casa, sabe...”*

O estar no asilo, entretanto não parece “machucá-los” nem “incomodá-los”. Alguns afirmam prontamente que gostam. Seria o bom tratamento que lá recebem, uma vez que são sujeitos que tiveram, em sua maioria, uma vida de muito trabalho, desprovida de confortos materiais em virtude de suas condições sócio-econômicas? Seria a falta de alternativa? Seria a oportunidade de convivência e sociabilidade e atenção que os cativa?

Dona Mafalda dos Anjos: *“...Eu me sinto bem aqui. Aqui elas brigam que brigam, vivem se xingando, mas se alguém fica doente todas elas são muito solidárias, a Lica todo dia me traz o café, ela fica me esperando tomar, ela me ajuda muito, e as meninas também, é tudo muito legal, na casa da patroa era assim também, o povo lá era muito bom...”*

Os sujeitos, entretanto, que ultrapassaram a faixa dos sessenta anos e que se encontram saudáveis, costumam prestar algum serviço na Vila, de preferência dando continuidade na realização de atividades que faziam antes de morar na Vila. Predominantemente trabalhadores da zona rural, continuam o seu **fazer** na Vila, na sua vida cotidiana:

Sr. Florípedes (agricultor, responsável pelas hortas e jardins, ao fim de nossas atividades, pedia): *“...só um pouquinho”* (voltava com pequenos molhos de ervas) *“...hortelã, erva cidreira, alfavaca(...)hoje à noite, se a senhora tiver muito cansada, quando a senhora chegar em casa, é só fazer um chá destes, pode misturar eles, que é ótimo para relaxar, aqui na Vila nós fazemos à noite, as Irmãs também tomam, e a senhora pode saber de uma coisa, disso eu entendo!”*

Seu Florípedes, sem percebê-lo, ajuda a mover a vida, transmite o seu saber, compartilha o seu **fazer**, vivifica suas práticas ao transmiti-las, exercita o que Bosi (1987) denominou **memória-trabalho**.

Pudemos perceber também as alegrias vividas, o prazer e o divertimento não desvinculado do trabalho, da vida religiosa, familiar e comunitária desses sujeitos, o trabalho e a vida como um todo pode ser permeada pelo lazer, isto é, o prazer da convivência adornando trabalho, práticas, costumes...

Sr. Joaquim: , nos mostrou em seus relatos, que trabalho e divertimento tinha uma junção com o lazer e a vida social:

“Eu gostava muito do que eu fazia, na roça a gente já aprende desde novo a trabalhar, os pais vão ensinando e a gente vai aprendendo, vai mexendo com as práticas, troca as experiências com os colegas, e a gente vai fazendo muita amizade também , principalmente com as festas da igreja e foi assim(...)”

Neste sentido nós perguntamos: podemos opor lazer e trabalho?

Não, pois Oliveira (1996, p.325) nos diz que vida e trabalho não se divorciam, aprendemos com a própria prática, pois estudiosos definem lazer como conquista do “tempo de folga” sobre o tempo do trabalho. A palavra lazer, significa “ser permitido.”¹⁷ Segundo Thompson (1991, p.48) para os sujeitos sociais não existe grande conflito entre trabalhar e passar o tempo.

O **Sr. Miguel** : no trabalho e no seu processo de produção, nas viagens que fazia com o seu caminhão mostra-nos a forma como desvinculava-se a questão do tempo; assovia, fazia barulhos para passar o tempo.

“No meu caminhão não tinha rádio não, quando a viagem demorava um pouco mais eu ficava assobiando, eu fazia uns barulhos para não Ter sono, para passar o tempo também; à vezes, parava na estrada e lavava o rosto em alguma mina(d’agua), a Julieta, minha esposa, fazia o meu lanche ou então a marmita, para não precisar parar na estrada, nos restaurantes. Eu ficava escutando os barulhos da natureza, assobiava para passar logo a viagem e também chegar em

¹⁷ Lazer: origem etmológica no vocábulo latino: licere-. ser permitido.

casa mais rápido.”

O entrevistado, conjugou em seu relato trabalho e lazer, o último sendo introduzido como o elemento que amenizava e contabilizava a passagem do tempo do exercício de uma atividade laboral.

É a permissão (liberdade) que o próprio homem se dá no cerne do cumprimento da obrigação?

3 – Memória-trabalho: possibilidade lúdica? -

Bosi (1987, p.17) opera o conceito de memória, como **memória-trabalho**, enfatizando sua função de atividade, de produção:

“A memória não é sonho. A memória é trabalho. (...) “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito.”

Podemos dizer que a **memória-trabalho** não é evocação, ela opõe-se à fantasia, à nostalgia, ela nos evoca a função das narrativas, das dinâmicas que fomos constituindo junto a esses sujeitos. A memória-trabalho constitui uma produção, **ato do fazer**, enquanto lembranças vivas que retomam nas experiências e acontecimentos do passado o reconstruir dos aspectos lúdicos presente em seus ditos, em suas conversas, em seu lazer, em suas rememorações os fatos vivido.

“...eu gosto muito de conversar com as pessoas, gosto de contar dos lugares que já passei por esta vida afora. A gente conversava muito, ouvia muita coisa do povo antigo, tinha umas histórias que o meu pai contava do pai dele, do avô e a gente ouvia as histórias, as viagens que demoravam muito, na época deles não tinha transporte, era só o cavalo, hoje eu conto para os meus netos quando tenho tempo para sentar e conversar e quando eu vou de férias na casa dos meus filhos.”

Devemos não só às narrativas, mas também às práticas à principal função social do velho: a **memória-trabalho**, responsável pelos processos de aculturação já mencionados, pela transmissão de um saber-fazer e de conhecimento às crianças e adultos, as histórias desses sujeitos compõem um quadro social e cultural, dos aspectos lúdicos que vem com riqueza, com variedade ao falar sobre a roça, a festa, o jogo, o carro de boi, a praça que já não é mais a mesma mas que continua sendo a

praça e que tem a pipoca, o doce; o transporte que foi evoluindo...tudo isso foi visto com lucidez, com referências, os sujeitos trouxeram-nos essa bagagem; para os membros do grupo, para si mesmo, trouxeram individualmente com um caráter único— sua história.

Sr. Joaquim Medeiros: *“Eu levava o povo na cidade de carro de boi para fazer compra de mês, para ir à missa, para ir nas festas, depois o patrão comprou uma jardineira e então já era um outro motorista até eu tirar a carteira, aí depois eu tirei a carteira, então era assim, revezava porque às vezes a gente queria dar um traguinho e era perigoso, mas era tudo combinadinho...”*

Creditamos ainda a esse principal atributo social do idoso- função de guardião-transmissor-de saber-, o alimento que auxilia a manutenção da própria vida do velho. Não nos referimos somente à vida social do velho, pois, certamente, a sabedoria contida na memória trabalho lhe possibilita convivência, reconhecimento num espaço coletivo; mas uma verdadeira auto-alimentação. O velho pode usufruir de sua própria memória:

Sr. Joaquim Medeiros, 74 anos, *“...nossa, é tão bom poder recordar as passagens que vivemos lá na Escaramuça, o povo lá trabalhava muito mas também tinha as paradas para as festas, para as comemorações das festas da Igreja, da comunidade, da cidade... Aqui na vila, a gente também dá umas paradas para as festas, para rezar, é muito bom.”*

Há nesse processo um elemento lúdico, à semelhança do que Freud (1920) descreve na reiteração das brincadeiras infantis. A criança é capaz de reproduzir a mesma brincadeira prolongadamente, para, segundo Freud (cf.1920), prolongar o prazer que ela lhe proporciona, ou resignificar uma experiência dolorosa; enfim, “para dominar a experiência no sentido de conservar a sensação de prazer.”

“Guardo na minha lembrança o cheirinho do marolo que a minha mãe fazia com o doce de leite, para mim esse cheiro ficou na lembrança e nunca mais foi embora, mas depois as coisas foram mudando cada vez mais o meu pai mudava muito de um lugar para o outro, e tinha fazenda que a gente nem tinha um pedacinho de terra então...”

Através de evocações, de rememorações, de práticas vivas que trabalhamos juntos com estes sujeitos, na sua singularidade, no seu ofício, nas suas práticas referenciais de coisas que faziam e ainda continuam fazendo: a festa da qual participou ou lembrou e a festa com que hoje mais se identifica, brincadeiras e músicas de infância, a fruta e a flor de que recordavam o cheiro, o perfume; em seu fazer inesgotável de recordações, lembranças, sentimentos, resgatando a auto-estima, a identidade nos seus ditos, evocados pelos sentimentos das lembranças e tradições vivas nos trabalhos grupais e individuais, foi onde pudemos chegar até esses sujeitos.

Considerações Finais

Nosso estudo não acena com promessas e nem com idéias luminosas de que esta instituição asilar, estudada por nós, seja designada de paraíso. Neste sentido, fomos aos poucos, tentando modificar alguns aspectos dessa instituição asilar, apesar dos limites impostos pelas normas do estabelecimento, pelos problemas não solucionados (alheamento de muitos sujeitos, conflitos de interesses pessoais, como por exemplo, imposição de práticas religiosas, controle implícito de certas atividades de lazer, proibições de trânsito livre, etc), dificuldade dos internos de se posicionarem enquanto sujeitos diante da postura normativa, disciplinadora da administração etc.

Tentamos conduzir o trabalho acreditando que, se a instituição asilar fosse tão restritiva, as religiosas não permitiriam a presença dos estagiários, nem muitas das propostas de trabalho na roda, nas comemorações, muitas das quais, acabamos realizando.

Pudemos, contudo, colocar em prática aquilo que definimos como objeto deste trabalho: extrair uma função terapêutica daquilo que já era considerado uma função social: a **memória-trabalho** operando no ato de narrar. Consideramos que

as narrativas em grupo, as práticas rememoradas, as atividades lúdicas propiciou a construção de uma nova sociabilidade entre os sujeitos velhos. Acreditamos que, em decorrência do surgimento de uma nova qualidade de convivência, uma nova qualidade de vida foi criada, mesmo que de maneira parcial.

A esta melhora, verbalizada pelos próprios velhos, observada no comportamento de afrouxamento da rigidez disciplinar das religiosas, creditamos um aspecto, concernente aos idosos, de redimensionamento subjetivo positivo, uma função reabilitadora, em virtude da inserção ou resgate de um **saber-fazer** de suas tradições e costumes.

As atividades, elaboradas a partir das sugestões dos idosos possibilitaram que as peculiaridades e as dimensões deste fazer antigo, total ou parcialmente já abandonado pela maioria, pudessem ser revividos, promovendo satisfação e instrumentação não só da parte dos idosos, assim como também da parte de quem se propôs a trabalhar junto aos sujeitos velhos.

Não podemos negligenciar que nas lembranças, no reviver das lembranças, nas histórias, na convivência com o outro, na própria satisfação em participar. A atenção, os cuidados sinceros dos estagiários também desempenharam papel importante, esses sujeitos começaram a recuperar suas identidades, sua auto-estima, suas singularidades no seio da homogenização do trabalho institucional e grupal.

Creditamos a esta experiência de troca entre os sujeitos velhos e destes com os estagiários, a obtenção de reconhecimento e de seu valor. Os estagiários

funcionaram como ponte, entre o passado e o presente, apontando para o futuro, ao emprestarem ouvido e aprenderem com o velho aquilo que até então ignoravam. O velho assumiu para eles o seu papel social de guardião e transmissor de tradições e costumes. O ato de narrar adquiriu dupla função diante dos olhos de ambos (velho e estagiário): resignificava a experiência do velho, ele contava o que escolhia; o jovem participava de um mundo vivido antes da sua própria existência nesse mundo. Através da narrativa e exercício de memória, o velho, asilado, obteve reconhecimento, reingressou numa papel social como partícipes de seu tempo.

Cada um destes sujeitos, trouxe para nós práticas, cotumes, tradições preservadas e resignificadas em sua memória, mostrou-nos o chamado 'seu tempo', 'sua época'— refazer, participar, reconstruir o sentido de participação, mesmo não saindo às ruas para lutar organizadamente por seus direitos, participam a seu modo não se deixando esmorecer, pois não são pessoas 'fora do tempo', são pessoas que habitam seu 'próprio tempo', apesar da idade que impõe barreiras, dos limites institucionais em que se inserem, da opressão dos dirigentes.

Este ato de **saber fazer** possibilitou aos idosos a possibilidade de uma reintegração social- de suas potencialidades e o exercício dessa função social. Foi através das narrativas desses sujeitos que pudemos ver a conservação da nossa memória social, nossa história responsável pelo processo de aculturação, repõe a identidade dos sujeitos, sua função de atividade, de produção no ato de saber fazer. Estes sujeitos tidos como guardiões da memória nas suas tradições e costumes e no seu processo social, conquistaram o espaço de mostrar 'seu tempo' pela sua memória. Este

saber fazer, processo esse que elevou a noção de memória à categoria de trabalho-
portanto, **memória- trabalho**.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, R. **Navegando**. São Paulo, Ars Poetica, 1997.
- ALVES, R. **Cenas da vida**. Campinas, Papirus, 1997.
- ANDERSON, L.; DLIBBLE, M.V.; LUCKKI, P.R.; MICHELLE, H.S.; RYNBERGEN, H.J. **Nutrição**. 17^a ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.
- ANGERAMI, V. A. org. **Crise, trabalho e saúde mental no Brasil**. São Paulo, Traço, 1986.
- BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo, Ática, 1995.
- BARROS, M. L. org. **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Trad. M. H. F. Monteiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990. Tradução de: La vieillesse.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: **Obras escolhidas I**. Trad. S. P. Rouanet. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BIANCHI, H. **O eu e o tempo: Psicanálise do tempo e do envelhecimento**. Trad. J. Briant. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993.
- BOBBIO, N. **O tempo da memória: de senectute e outros escritos**

- autobiográficos. Trad. D. Versiani. Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- BOLETIM DE PSICOLOGIA. São Paulo: v.66, n.105, 1996.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2.ed. São Paulo, T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BOURDIEU, P. **Sociologia**. Trad. P. Monteiro e A. Auzmende. São Paulo, Ática, 1983.
- BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. Trad. R. M. M. Moraes. São Paulo, Martins Fontes, 1980
- BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Trad. P. C. Ramos. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
- BRUHNS, H. T. org. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas, UNICAMP, 1997.
- BUTLER, R. N. **Sexo e amor na terceira idade**. Rio de Janeiro, Summus, 1976.
- COSTA, E. M. S. **Gerontodrama: a velhice em cena**. São Paulo, Àgora, 1998.
- CASTRO, N.T. A função reguladora na atividade lúdica e campo sógnico. In: Memorial e Projeto de Pesquisa. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.
- CAMPOS, R. H. F. org. **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, Vozes, 1996.
- CAMPEDELLI, M. A. O Resgate da História do Velho Sul Mineiro In: SEMANA DE PSICOLOGIA POLÍTICA, 2., Belo Horizonte, Minas Gerais, 1994. **Anais**. Belo Horizonte, Gráfica Guanabara, 1994. p. 96.
- CAMPEDELLI, M. A.; VALADÃO, L. C. O Resgate da memória do Idoso. **Index**

da **Universidade de Alfenas**, Alfenas, n. 1, p. 23, 1994.

CAMPEDELLI, M.A. Uma história da memória, noções entre passado e presente. In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA**, 5., Maceió, Alagoas, 1997. **Coletânea**, Ijuí, Editora da Unijuí, 1997. p. 327.

D'Antino, M. E. F. **A máscara e o rosto da instituição especializada**: marcas que o passado abriga e o presente esconde. São Paulo, Memnon, 1988.

DEBERT, G., org. Antropologia e Velhice. In: **Textos didáticos**. IFCH/Unicamp. v.130, p. 31- 48. 1994

ELIAS, N. **TEORIA SIMBÓLICA**. Trad. P. Valverde. Oeiras, Celta. 1994.

ERICKSON, E.H. **O Ciclo de vida completo**. Trad. M.A..V.V.. Porto Alegre, ARTMED, 1998.

FARIA, C. C. **A vida não tem idade**: uma experiência a serviço da Gerontologia Social. São Paulo, ACL, 1973.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.

FERREIRA, B. C. Memória , tempo, narrativas. In: **Revista política e trabalho**. Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, 1996, p.126–138.

FERREIRA, M. M.; AMADO J. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da fundação Getúlio Vargas, 1996.

FILIZZOLA, M. **A velhice no Brasil**: Etarismo e civilização. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1972

- FILLOUX, J. C. **A Memória**. Coleção Saber Atual . Trad. P. Carvalho e G. Souza. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 1959.
- FREUD, S (1927-1931). O futuro de uma ilusão – O mal-estar na civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v. 21, p. 81-128.
- FROMM, E. **Análise do homem**. 6ª ed. Trad. O. A. Velho, Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- GOFFMAN, E. **MANICÔMIOS, PRISÕES E CONVENTOS**. 2.ed. Trad. D. M. Leite. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- GOLFELD, Z. org. **Encontros de vida**. Rio de Janeiro, Record, 1997
- GUARESCHI, P. relações comunitárias – reações de dominações. In: CAMPOS, R.H.F. org. **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, Vozes, 1996.
- GUIRADO, M. **Psicologia Institucional: Temas básicos de Psicologia**. São Paulo, EPU, 1987.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Trad. L.L. Schaffter. São Paulo, Vértice. 1990.
- HALDEMAN, S. org. **Quando envelhecer vou usar púrpura**. Trad. L. Luft. São Paulo, Marco Zero, 1997.
- HAYFLICK, L. **Como e por que envelhecemos**. Trad. A. B. RODRIGUES. E P.M.CELESTE. Rio de Janeiro, Campus, 1996.

HUIZINGA, J. **HOMO LUDENS: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo, Perspectiva, 1993.

JOURNAL OF AMERICAN GERIATRIC SOCIETY. v . 35, p. 13-20. 1987.

KONDER, R. **A memória e o esquecimento**. São Paulo, Global, 1997

LIEURY, A. **A MEMÓRIA: do cérebro à escola**. Trad. Ramon A. Vasques. São Paulo, Ática, 1993.

LE Goff, J. **História e Memória**. Trad. B. Leitão. Campinas, UNICAMP, 1992.

MALUF, M. **Ruídos da Memória**. São Paulo, Siciliano, 1995.

MANONNI, M. **O nomeável e o inominável: a última palavra da vida**. Trad. D. D. Estrada. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. , 1995.

MOREIRA, W. W. org. **Corpo presente**. Campinas, Papirus, 1995.

NERI, A .L. **Psicologia do envelhecimento**. Campinas, Papirus, 1995.

NERI, A. L. **Qualidade de vida e Idade madura**. Campinas, Papirus, 1994. NETTO, J.

P.; FALCÃO, M. C. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo, Cortez , 1986.

NOVAES, M. H. **Psicologia da Terceira Idade: Conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: NAU, 1987.

OLIVEIRA, P.S. **Vidas Compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos**. São Paulo, 1993. 2v. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, P.S. **Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo, Hucitec/Unesp , 1999.

OLIVEIRA, P. S. org. **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo, Hucitec/Unesp, 1998.

OLIVEIRA, P. S. O universo lúdico e as responsabilidades sociais. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., Maceió, Alagoas, 1997. **Coletânea**. Ijuí, Editora da Unijuí, 1997. p. 110-114.

OLIVEIRA, P. S. Revisitar os clássicos, um convite aos estudiosos do trabalho e do não-trabalho. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4. Belo Horizonte, Minas Gerais, 1996. **Coletânea**. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. 1996. p. 324-328.

OLIVEIRA, P. S. Veblen e a Sociologia do Lazer. In: ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 3. Curitiba, Paraná, 1995. **Coletânea**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná. 1995. p. 23-28.

PICHON-RIVIÉRE, E.; QUIROGA, A. P. **Psicologia da Vida Cotidiana**. Trad. C. B. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIÉRON H. **Dicionário de Psicologia**. 9º ed. Trad. D. B. CULLIGNAN, São Paulo, Globo, 1995.

REVISTA SAÚDE, SEXO E EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro, n. 6, 1996.

RIBEIRO, M. org. **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

SALGADO, M. A. **VELHICE: uma nova questão social**. São Paulo, SESC /CETI, 1980.

- SALLES, L. M. F. **Adolescência, Escola e Cotidiano**: contradições entre o genérico e o particular. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1998.
- SANTOS, S. M. P. **O lúdico na formação do educador**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- SILVA, T. M. A imagem do Envelhecimento. In: **Psicologia Argumento**. Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. n. 24, 1999.
- SIVADON, P.; ZOÏLA, A. F. **CORPO E TERAPÊUTICA**: uma psicopatologia do corpo. Trad. R. Steffen. Campinas, Papirus, 1988.
- SHEEY, G. **Passagens**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
- _____. **Novas Passagens**: um roteiro para a vida inteira. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- STRATTON, P.; HAYES, N. **Dicionário de psicologia**. Trad. E. ROVAL. São Paulo, Pioneira, 1994.
- THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, T. T. org. **Trabalho, educação e prática social**: por uma teoria da formação humana. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- VELHO, G. **Sociedade e subjetividade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- WAGNER, E. M. **Amor, sexo e morte no entardecer da vida**. São Paulo, Caiçara, 1989.
- WEIL, S. **Aulas de Filosofia**. Trad. M. Appenzeller. Campinas, Papirus, 1991.